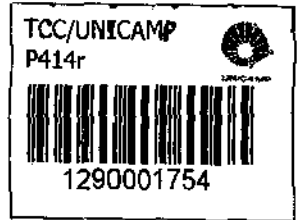


Mateus Camargo Pereira

Revisitando as trilhas de um movimento: 15 anos de atuação do CAEF/Unicamp

Monografia de conclusão de curso apresentada à faculdade de Educação Física da Unicamp como requisito parcial para a obtenção do título de licenciado em Educação Física, sob orientação do Prof. Dr. Lino Castellani Filho.

Campinas - SP
novembro/2002



Queremos saber (Gilberto Gil, interpretada por Cássia Eller)

Queremos saber, o que vão fazer com as novas invenções
Queremos notícia mais séria sobre a descoberta da antimatéria

E suas implicações
Na emancipação do homem
Das grandes populações
Homens pobres das cidades
Das estepes, dos sertões

Queremos saber,
Quando vamos ter, raio laser mais barato
Queremos, de fato, um relato
Retrato mais sério do mistério da luz
Luz do disco voador
Pra iluminação do homem
Tão carente, sofredor
Tão perdido na distância
Da morada do senhor

Queremos saber, queremos viver
Confiantes no futuro
Por isso se faz necessário prever qual o itinerário da ilusão
A ilusão do poder
Pois, se é permitido ao homem
Tantas coisas a conhecer
É melhor que todos saibam
O que pode acontecer

Queremos saber
Queremos saber
Todos queremos saber

DEDICATÓRIA

A meus pais, Eunice e Dircélio, por terem proporcionado a possibilidade de viver o que vivi repetindo, desde pequeno que "a gente (os filhos) ia pra faculdade pública". Ao exemplo militante. Poucos têm a paciência e desprendimento de vocês. Amo vocês.

À minha afilhada Helena (cara de biscoito) por nos avisar a cada instante que não dá para deixar o mundo como está.

Ao Movimento Estudantil, canalizador da esperança de muitos lutadores por um mundo justo, livre, alegre, solidário.

AGRADECIMENTOS

A minha irmã MARIA (Cecília), cuja tempestuosidade impede a monotonia e a tranqüilidade da nossa casa.

Aos meus irmãozinhos de DCE: Marcela, Denis, Alan, Tomizawa, Wilson, Ana, César, Rafael, Ricardo: aprendi muito com vocês, espero tê-los sempre por perto. Desculpem os apelidos, é mais forte do que eu.

Aos companheiros de aventura do MEEF: Renata Lucena, Renata Linhares, Mauro, Érika, Dérick, Douglas, Beto, Andréa, Toni, Renan, Fábio, Natacha, Poliana, tantos outros que fazem com que as utopias insistam em se manter pulsantes.

Aos companheiros Paulo G, Regininha, Simone e Larissa.

A Nana, Lalá, Luli, Maguila, Jonhy, Ana de Pellegrin, Diná, Éden, Natalie e todos aqueles que deram vida ao CAEF/Unicamp, tornando esse trabalho possível.

A Erica, Susana e Fran, mulheres importantes que dividiram comigo seus mais íntimos sentimentos.

A TatiS, amiga de muitas horas, parceira de angústias e risadas. E de muitas descobertas.

A Letícia... sua alegria e vivacidade me ajudaram a viver minha vida com uma leveza nunca antes sentida. Seu carinho descontraído, seu corpo quentinho, sua risada gostosa povoam minhas sensações e me fazem saborear cada momento que estamos juntos. Obrigado por estar por perto.

INDICE

Apresentação.....	7
Resumo.....	8
Introdução.....	10
Capítulo I: Juventude: uma criação da modernidade, uma população em busca dos seus sonhos.....	13
Capítulo II: Movimento Estudantil: um pouco do falado sobre ele.....	20
Capítulo III: Metodologia: como fizemos nossa pesquisa de campo.....	25
Capítulo IV: Trilhas revisitadas, caminhos reconstruídos.....	28
IV.1: Fundação e construção da representação.....	28
IV.2: Contestação festiva.....	50
IV.3: Perda de referências.....	60
IV.4: Reconstrução.....	64
IV.5: Abandono.....	84
Capítulo V: Considerações finais.....	86
Referências bibliográficas.....	89
Anexos.....	93

Apresentação

Ao vir de Estiva - Minas Gerais para Campinas estudar, jamais poderia imaginar que a faculdade que me acolheu, a FEF/Unicamp, pudesse aglutinar tantas visões diferentes sobre algo para mim tão simples e definido. O atleta de futebol ficou meio confuso com o que encontrou, tantas disciplinas "teóricas", tantos autores de carne e osso (não é que eles existem mesmo?), tantas educações físicas num mesmo espaço.

A sensação de deslumbramento misturada com a confusão de quem acabara de chegar aos poucos vai perdendo espaço para algo não muito estranho por conta da televisão e da militância familiar no PT de Estiva: a movimentação de alguns estudantes, na faculdade, na Universidade, na moradia. Essa movimentação ganhava contornos nas assembléias, reuniões, panfletagens, atos públicos. Nesses espaços pude vivenciar que a coisa não era tão legal como imaginara. Era muito mal entendido e divergência para tão poucos participantes.

Pois não é que resolvi me meter naquilo, após conhecer Édén, Natalie, Carolzinha e outras pessoas maravilhosas do CAEF/Unicamp?

O ENEEF de Brasília (1998) confirmou a impressão de muito mal entendido para poucas pessoas, mas alguém teria que fazer alguma coisa, né?

A timidez foi a primeira a perceber que as coisas mudariam naquele mineirinho quieto. Ela ficou restrita às relações afetivas. A afobação com as tarefas ficou maior. Agora tinha o CAEF para me responsabilizar.

Entre 98 e 2002, vivi intensamente o ME. Foram duas gestões de CAEF (98/99, 99/00), Congregação da faculdade (99/00), ExNEEF (99/00, 00/01, 01/02), Comissão de licenciaturas da Unicamp (01/02) e, finalmente, o DCE/Unicamp (01/02), a mais dura e intensa delas.

O Brasil ficou menor, com viagens a Porto Alegre (FSM), Florianópolis (ConBRACE-99), Curitiba (EREFF-Sul 01), Maringá (EREFF-Sul 99), Presidente Prudente (CoREEF-SP 02), Rio Claro (CoREEF-SP 01), São Paulo (CoREEF-SP 00 e inúmeras reuniões de executivas, UNE, MST), Vitória (ENEFF 01), Rio de Janeiro (CoNEEF e ENEFF 00), Goiânia (SMEE 01, CoNEEF 01), Gurupi (EREFF 5 01 e CoNEEF 02), Belém (CoNEEF 99), Feira de Santana (CoNEEF 01) e Recife (ENEFF 99) sem falar dos inúmeros eventos organizados em Campinas durante o período.

Não foram poucos os cargos assumidos, as pressões sofridas, as viagens realizadas, os amigos feitos, os sonhos divididos. Isso acompanhado da cada vez menos lógica e atrativa formação proporcionada pela faculdade. Com certeza, o que me manteve na FEF foi o Movimento Estudantil, dando-me condições de perceber que a Universidade não faz sentido se não olhar para o mundo das periferias, dos lixões, dos sertões, das escolas, nos locais onde a vida teima em pulsar apesar do desrespeito a que está submetida.

Despeço-me, nesse momento, de um espaço e fase de militância, em busca de novos locais de construção de minha opção militante. Afinal, a utopia socialista não pode esperar, não tem idade pra ser vivida, nem local pra ser realizada.

RESUMO

Revisitar trilhas não é uma tarefa das mais fáceis. Elas podem estar tomadas pela mata, com contornos indefinidos, permeadas por sentimentos e impressões pessoais carregadas de significados próprios. Revisitá-las, analisá-las e resignificá-las, considerando diversos condicionantes é o desafio a que nos propomos. Essa tarefa torna-se menos fácil quando percebemos que essas trilhas são revestidas, pelo menos em tese, por um projeto coletivo, qual seja, a construção de uma entidade de representação estudantil. Juntam-se versões múltiplas, pontos de vista diferenciados, olhares diversos. As páginas subsequentes contém uma tentativa de desbravar essas trilhas, ainda que superficialmente.

Propusemo-nos, neste trabalho, a reconstruir a trajetória do CAEF/Unicamp, a partir dos depoimentos de ex-membros e dos registros arquivados sob a forma de jornais, atas, cartas, ofícios, entre outros documentos.

O Movimento humano, inerente a cada ser dessa espécie, concentra-se na construção de uma cultura de participação e envolvimento com a vida da faculdade, da Universidade, do país. São passagens, influenciadas pela percepção de um autor partícipe de algumas delas que tentamos registrar, objetivando apresentar elementos de apoio para a construção/reconstrução do ME da FEF/Unicamp. Sua presença faz-se premente nesse momento de reconfiguração do papel do Estado com relação à Educação, no qual ele passa de gestor a fiscalizador, desobrigando-se da manutenção efetiva do bem público em favor da iniciativa privada.

O resultado, bem... o resultado do trabalho fica a juízo de cada um. A mim já me satisfez poder tomar contato com alguns agentes dessa história e ver a

alegria que as lembranças da participação no CAEF trouxeram a eles. Mais do que isso, ver que a esperança ainda não acabou, principalmente nesse momento singular de nossa história. Ela venceu o medo¹, inaugurando um novo capítulo de embates, apesar das conclusões apressadas de que a história teria chegado ao seu fim.²

¹ Alusão aos discursos do presidente eleito em 26 de outubro de 2002, Luís Inácio Lula da Silva.

² Fazemos referência ao historiador norte americano Francis Fukuiama, anunciador do fim da história por ocasião da queda do muro de Berlim, em 1989, significando, a seu ver, a vitória final do capitalismo sobre o socialismo.

INTRODUÇÃO

"As vezes falo com a vida, as vezes é ela quem diz: qual a paz que eu quero conservar pra tentar ser feliz?" A alma- O RAPPÁ.

A reflexão que apresentamos neste trabalho busca contribuir para o entendimento da trajetória de uma entidade que fez parte de nossa vida nos últimos cinco anos, sendo espaço significativo para a formação e reafirmação de valores que nos movem. Desde nossa entrada na FEF/Unicamp, no início de 1998, passamos a ter contato com estudantes que elegeram o Centro Acadêmico da Faculdade de Educação Física da Unicamp (CAEF/Unicamp) como instrumento desencadeador de iniciativas que mudassem a realidade ao qual estávamos inseridos. Foi através de iniciativas daquelas pessoas que descobrimos possibilidades de contribuição aquela luta e, também, os muitos obstáculos que se apresentam no cotidiano para a sua consecução.

Nos anos posteriores, já assumindo papéis na entidade, pudemos nos embrenhar nas teias em que ela se enrola: o misterioso mundo do Movimento Estudantil (ME), mitificado na história brasileira pelos papéis assumidos no embate aos governos militares, no decorrer das décadas de 60 e 70, e pela atuação no "Fora Collor" (1992).

Percebemos, no tempo em que vivemos o dia a dia das entidades e as lutas por elas encaminhadas, que o mito perdera sua mística, apesar de lampejos ocasionais. O que teria causado tal revés?

As causas são muitas para serem discutidas num trabalho desse porte. Procuramos então, realizar uma reflexão sobre a construção do ME, suas estratégias de atuação e sua própria história entendendo que isso poderia contribuir para redefinições sobre sua atuação. Dessa forma propusemos, como

pesquisa monográfica, focar nossa lente na atuação da entidade de base, o Centro Acadêmico, já que os trabalhos existentes restringiam-se às entidades majoritárias, principalmente a UNE³.

O Centro Acadêmico da Faculdade de Educação Física (CAEF/Unicamp) foi a entidade escolhida, por ter sido o espaço em que concentramos nossa militância por 2 anos (1999 e 2000) e por termos contato facilitado com documentos e pessoas que fizeram parte de suas diretorias em 15 anos de existência (1986-2001). De qualquer forma, tivemos o cuidado de percebê-la como parte integrante do ME em inter-relação com outros componentes desse movimento (entidades e fóruns).

Buscamos, no decorrer deste trabalho, pautar-nos nos princípios levantados por GRISET e KRAVETZ:

"É necessário (como nós o tentamos) passar a um nível mais profundo de realidade, ultrapassar a descrição do fenômeno (ou mesmo sua análise formal) e tentar encontrar por um esforço lógico os termos do debate real: a luta de classes" (GRISET, A e KRAVETZ, M., 1968, p. 68).

Para isso concentramo-nos em reconstruir a trajetória do CAEF, a partir de depoimentos de ex-membros de quase todas as gestões que por ele passaram e também pelos arquivos da entidade, pródigos em atas de reuniões e assembléias, jornais, cartas, entre outros documentos. Infelizmente, nosso trabalho foi prejudicado pelo extravio de documentos retirados em 1996, após uma chuva que derrubou o teto do CAEF, e também pela ausência de tempo para buscar mais depoimentos, principalmente de pessoas que não fizeram parte da entidade e que poderiam dar sua visão sobre a atuação do CAEF.

De qualquer forma não tivemos a intenção de apresentar uma versão final da história do CAEF, mesmo sabendo que isso não é possível, mas aglutinar os

³ Entidade nacional de representação estudantil, criada em 11 de agosto de 1937.

elementos disponíveis que pudessem subsidiar uma análise sobre a construção de uma entidade de base no Movimento Estudantil, buscando compreender as muitas variantes que o determinam. Dentre as variantes, o momento histórico de cada gestão, a concepção que cada uma tinha do papel da entidade, suas práticas, enfim, como o CAEF foi assumindo identidades e como estas se materializavam no cotidiano dos estudantes.

Pois bem, vamos ao estudo, mas antes, discutiremos um pouco sobre a juventude, categoria majoritária entre o público universitário, a partir de alguns estudos da sociologia. Posteriormente, apresentaremos um debate sobre o movimento estudantil presente em alguns trabalhos acadêmicos; em seguida, abriremos nossa discussão sobre a trajetória do CAEF/Unicamp; por fim, apresentaremos nossas considerações finais.

CAPÍTULO I - Juventude: uma criação da modernidade, uma população em busca de seus sonhos...

"O último levantamento do Banco Mundial diz que 54,7% da humanidade vive em estado de miséria ou pobreza extrema. São dois bilhões e 800 milhões de pessoas sobrevivendo com menos de dois dólares por dia, 310 milhões delas com menos de um dólar. Nas estatísticas oficiais, essas pessoas - mais da metade da população mundial - são diferenciadas como "pobres" e "miseráveis". Contra realidade tão chocante vem se organizando um movimento de protesto nos 4 cantos do mundo. À frente, comunicando-se via internet e usando nas ruas o próprio corpo como arma, jovens de todas as nacionalidades denunciam os responsáveis por tamanho e crescente estado de desigualdade". (Revista caros amigos, no 64, p. 32)

"(...) não há como separar juventude e história. Isto significa dizer que não se pode separá-la da política, da cultura, da luta de classes." (LASSANCE, 1991, p. 25)

A reprodução do trecho de abertura da reportagem de capa da Revista Caros Amigos, foi escolhida para ilustrar a situação em que se encontra a vida humana no planeta, carente de direitos humanos documentalmente garantidos há décadas (Declaração Universal dos Direitos do Homem, 1948), mas ignorados no dia a dia das bolsas de valores e mercado de capitais. Parece-nos que essa situação ocorre com a anuência de governos nacionais alinhados e submissos, cumprindo à risca os ditames consensuados em Washington⁴, em 1989, após a queda do muro de Berlim.

⁴ O Bloco capitalista, controlado pelos Estados Unidos, seguindo os ditames da Conferência de Bretton Woods (ocorrida em 1944 com a presença de 44 países), construiu um novo sistema de instituições internacionais, estabelecendo regras de competitividade econômica, liberalizando e intensificando o comércio

Apontamos, também, para um significativo grupo⁵ de pessoas que realiza a resistência a essa realidade: a juventude (etimologicamente, aquele que está em plena força da idade).

Na história, a categoria⁶ juventude é tratada como uma invenção da sociedade moderna, a partir do século XIX. Segundo GROppo (p. 13)

(...) a juventude passou a existir desde o momento em que determinadas funções de maturação, educação e aprendizado de valores sociais foram reservados a uma faixa de idade específica. Portanto, não é só o critério etário quem define a juventude, mas o papel e a relevância deste grupo ou classe na sociedade em que se insere”.

Antes disso, havia uma classificação por grupos etários. Entretanto, a juventude ainda não era definida nessas classificações, pois os que futuramente foram chamados de jovens assumiam, naquela sociedade, papéis adultos. Aponta-se para uma melhor apreensão e reprodução dos valores burgueses em um grupo em formação, por meio da especialização do trabalho e a universalização dos valores burgueses. Prioriza-se a categoria juventude para tal intento e a instituição Escola torna-se a instituição própria em que os valores da sociedade capitalista serão reproduzidos, através da disciplinarização do conhecimento, ajudados por instituições específicas controladas por adultos (GROppo, 1996).

internacional. Neste sistema, o Banco Mundial tem a função de reconstruir economias capitalistas, o Fundo Monetário Internacional (FMI), para monitorar desequilíbrios cambiais e monetários dos Estados capitalistas e o General Agreement on Tariffs and Trade (GATT), para administrar o Acordo Geral sobre Tarifas Aduaneiras e Comércio. O Consenso de Washington (1989) diz respeito à submissão do conjunto das economias à batuta de Washington/EUA – Significa a política do *Big Stick* – a América para os Americanos. São políticas que se inscrevem num modelo de integração econômica baseado numa estratégia de política multinacional, segundo a qual o “livre comércio” equivale à liberdade de exploração máxima, pela via da desregulamentação e da flexibilização. Significa ainda a destruição da política do Welfare State que possibilitou crescimento econômico atrelado à relativa eficácia na concretização de direitos sociais.

⁵ Pessoas aglutinadas num espaço físico definido e com permanência no decorrer do tempo (RODRIGUES, 1997, p. 15).

⁶ Classificação dada a agrupamento ocorrido por conta de um momento específico, sem continuidade no tempo (RODRIGUES, 1997, p.20).

De qualquer forma, não podemos cair na armadilha da uniformização da juventude, facilmente recorrente se tomarmos por referência somente a idade biológica como critério classificatório. O sociólogo Pierre Bourdieu (1983, p. 113) esclarece tal questão, ao afirmar que

(...) falar dos jovens como se fossem uma unidade social, um grupo constituído, dotado de interesses comuns, e relacionar esses interesses a uma idade definida biologicamente já constitui manipulação evidente. Seria preciso pelo menos analisar as diferenças entre as juventudes, ou, para encurtar, entre as duas juventudes. Por exemplo, poderíamos comparar sistematicamente as condições de vida, o mercado de trabalho, o orçamento do tempo etc, dos jovens que já trabalham e dos adolescentes da mesma idade (biológica) que são estudantes: de um lado, as coerções do universo econômico real, apenas atenuadas pela solidariedade familiar; do outro, as facilidades de uma economia de assistidos quase-lúdica, fundada na subvenção, com a alimentação e moradia e preços baixos, entradas para teatro e cinema a preço reduzido, etc."

Na construção de sua identidade,⁷ os jovens passam por diversas experiências. Para ERIKSON (1968), citado por MISCHE (1997)

"(...) na formação das identidades, as pessoas experimentam várias expressões públicas, procurando reconhecimento no meio de diversos círculos (ou redes): família, colegas, escola, trabalho, atividades de lazer e, às vezes, atividade política. Durante esse período de experimentação, eles estabelecem compromissos (ainda provisórios) com laços sociais e significados coletivos, que terão um impacto crítico nas suas opções ao longo da vida".

⁷ Definição de projetos pessoais que darão direção às ações e aos grupos de relação (MISCHE, 1997),

Essa afirmação corrobora com a afirmação de Karl Mannheim (1968, p. 75) quando diz que *"(...) a juventude não é progressista nem conservadora por índole, porém é uma potencialidade pronta para qualquer nova oportunidade"*.

Essa potencialidade, segundo IANNI (1968, p. 225), aponta para o radicalismo, entendido como a opção por alterar significativamente as condições da Sociedade Capitalista em direção ao Socialismo ou mantê-la como está. Isso ocorre nos momentos em que o jovem, construindo sua identidade de classe⁸, encontra-se desvinculado dos padrões da classe de seu ambiente de origem.

Nesse sentido, a vivência universitária apresenta situações nas quais os vazios de inserção na classe de origem e a construção de uma nova identidade de classe estão presentes. São infindáveis as referências, visões de mundo, interpretações da realidade e grupos de relações que o estudante pode ter contato, apesar das alterações que a Universidade têm sofrido nos últimos anos em direção à padronização. Essas diferentes referências caracterizam, algumas vezes, uma série de movimentos, sejam eles acadêmicos, políticos, esportivos, ecológicos, entre outros.

Na história, os movimentos de juventude, principalmente na segunda metade do século XX, assumem papel de contestação à homogeneização cultural, caracterizando uma autonomia e uma cultura juvenis, principalmente no campo da política e da arte (GROPPO, 1996, p. 17-18). Entre os movimentos contestatórios políticos e culturais da juventude podemos citar o rock, nas décadas de 50 e 60; o movimento hippie e a contracultura, em 60 e 70; o punk, nos anos 70 e 80; e os movimentos estudantis da década de 60 na América Latina, Europa e EUA (BRANDÃO e DUARTE, 1991).

⁸ A classe, para Marx e Engels, são grupos estabelecidos a partir do seu papel e relações na produção. Os autores definiram a classe burguesa, detentora dos meios de produção e o proletariado, detentor da força de trabalho. Vários autores discutem consciência de classe, classe em si e classe para si, debates não enfocados por nós nesse momento, mas de grande relevância dentro dos estudos marxistas.

A contestação é vista pela sociedade como anomalia e a juventude "transviada" é abordada como uma categoria composta por pessoas que devem ser tuteladas e trazidas à "normalidade" pelos adultos. Na década de 50 o jovem é visto como transgressor e delinqüente. Nos anos 60 e parte dos de 70, a contestação assume outros focos, movimentando-se contra os regimes e os padrões rígidos de comportamento. Já na década de 80, valores como o consumismo, o individualismo, o conservadorismo moral, a falta de idealismo político e compromisso político fazem com que o movimento das décadas anteriores, visualizado pelos estudiosos como parte da inconseqüência da juventude pequena burguesa, passe a ser modelo de desprendimento e compromisso político. No decorrer dos anos 90, os movimentos juvenis aprofundam-se em suas ações individuais e coletivas, através das gangues, das galeras, do vandalismo, lembrando a abordagem da década de 50 (ABRAMO, 1997, p. 32). Essa geração, a geração zapping, mantém-se atrelada aos valores da juventude da década de 80, mas sem a referência do que foram os movimentos políticos nacionais de 80 e 90. Reportagem da revista ISTO É⁹ tematizando jovens brasileiros de classe média e classe alta, frações da burguesia, aponta como valores presentes nessa geração o conservadorismo, o individualismo e o capitalismo. IANNI (1968, p. 227) afirma que as mudanças de atitude em direção à acomodação ocorrem na medida em que o jovem assume os padrões de comportamento de sua classe de origem.

As posturas assumidas pelos movimentos de juventude dão mostras de uma insatisfação patente, potencializada pelas organizações que os congregam.

⁹ DUARTE, S., VANNUCHI, C. Geração Zapping, in Revista ISTO É, São Paulo, n.1659, p. 82-87, 2001.

Historicamente, tem sido ela a contestadora das instituições, confrontando-se diretamente nas ruas. Com o passar do tempo, os militantes desses movimentos redirecionam sua atuação para os partidos, ONGs, entidades de classe, movimentos sociais ou simplesmente desistem de militar por diversos motivos. Postula-se, dessa forma, que as opções feitas durante a juventude são passíveis de revisão e alteração no decorrer da vida, pelas diferentes situações e contextos vivenciados pelas pessoas.

Nosso foco principal de análise, neste trabalho, será a atuação de uma juventude em um espaço em especial, a Universidade, o que ficou conhecido como *Movimento Estudantil*. Para isso, como já tivemos oportunidade de afirmar, escolhemos uma entidade de base, o CAEF/Unicamp - que tem sua história confundida com a história da FEF/Unicamp, do Movimento Estudantil da Unicamp e da Educação Física brasileira - como espaço específico de análise. Importante frisar, antes de qualquer coisa, que a juventude em questão é formada, em sua maioria, por filhos das classes média e alta, fração de classe da burguesia, aqueles que, pelas condições de vida, ocupam as vagas nas Universidades Públicas (GHISOLFI, 1998). Segundo dados da Comissão para Vestibulares da Unicamp (Comvest), mais de 50% dos estudantes de todas as turmas da FEF/Unicamp são oriundos de famílias de classe média ou alta: têm uma renda individual de cerca de 800 reais mensais, fizeram 2º grau em escola particular e cursinho pré-vestibular. Isso dá mostras de um público de origem burguesa, ou seja, vinculados a grupos detentores dos meios de produção ou vinculados diretamente a eles.

E os "pobres" da universidade? Têm assumido um papel de vanguarda no ME?

Sobre estes, GRISET e KRAVETZ (1968, p. 101-102) alertam-nos que
(...) não são os estudantes desfavorecidos que têm maior oportunidade de ser vanguarda, exceto se já são membros conscientes dessa vanguarda antes de

entrar na Universidade, o que eles efetivamente têm, mais que os outros, probabilidade de ser.

Ou seja, não dá para antecipar uma consciência de classe nos desfavorecidos. Ela não brota da natureza, mesmo que essas pessoas tenham origem proletária. Sua construção se dá no dia a dia das relações sociais e dos embates assumidos durante as relações de produção e de consumo. Na Universidade, conforme nos aponta o estudos já citado de GHISOLFI (1998), a grande maioria tem origem burguesa. Origem mesma daqueles que se envolvem com o Movimento Estudantil. Durante o estudo, encontramos "proletários" entre os militantes do CAEF/Unicamp, sensibilizados a participarem por conta de suas necessidades mais urgentes, tais como moradia e alimentação. No entanto, conforme mostra o estudo já citado, eles são a grande minoria entre os participantes.

CAPÍTULO II: Movimento Estudantil: um pouco do falado sobre ele.

Antes de iniciarmos a discussão sobre o CAEF/Unicamp, buscamos conhecer alguns debates acadêmicos que têm o movimento estudantil como tema. Nesse capítulo, fizemos uma revisão bibliográfica do que já foi produzido sobre o Movimento Estudantil.

No PODER JOVEM, Artur José POERNER preocupa-se em arregimentar informações sobre a atuação da juventude, com ênfase na juventude estudantil, no decorrer da história brasileira. O autor demarca um momento como divisor de águas para o ME: a criação da União Nacional dos Estudantes, datada em 11 de agosto de 1937.

No período anterior à UNE, o autor destaca a atuação estudantil nos movimentos pela independência do Brasil; na abolição da escravatura; no apoio à proclamação da República; na campanha civilista de Rui Barbosa e na revolução constitucionalista de 1932. No período subsequente à criação da UNE, as manifestações pela entrada do Brasil na 2ª guerra ao lado dos países aliados (1942/1943); a campanha " O petróleo é nosso"; a bem sucedida campanha pela gratuidade do Ensino Superior Público, bem como as ações contrárias aos acordos MEC-USAID e ao regime militar assumem grande destaque.

O estudantado é concebido como uma categoria nacionalista e progressista, mesmo que em alguns períodos, como entre os anos de 1950/56, a UNE tenha sido dirigida por estudantes assumidamente de direita. Conforme o autor, o caráter progressista da categoria não é acompanhado, até a década de 50, pelo entendimento da necessidade da luta unificada com os operários e camponeses para a implementação do Socialismo. Os estudantes são identificados com grupos da elite econômica em formação, futuros postulantes a cargos públicos.

A radicalização das lutas da década de 60, com o apoio às reformas de base de João Goulart, a greve do 1/3¹¹ e o crescimento de ideais de esquerda na direção das entidades estudantis, é obstaculizada pela repressão sangrenta e assassina dos governos militares.

Nessa direção, Maria Ribeiro do VALLE¹² (1998) tematiza os embates ocorridos entre o Movimento Estudantil e a ditadura militar durante o ano de 1968, tendo como elemento de relação a violência. Ela é desencadeada principalmente após o assassinato do estudante Edson Luís no restaurante universitário Calabouço. Esse fato desencadeia uma série de ações do ME em que se consegue arregimentar estudantes e outros setores da sociedade, até então apáticos, no confronto ao regime. A violência revolucionária, na visão dos estudantes, é considerada justa, pois visa derrubar o capitalismo assassino. A violência governamental é perversa e utilizada para manter a ordem do regime. As publicações, tanto as de grande circulação como as das entidades estudantis são interlocutoras das estratégias e repercussões que a violência assume no confronto. Esse conflito é analisado à luz dos embates ocorridos mundialmente, tendo os estudantes como protagonistas. A oposição à guerra do Vietnã, a repressão dos tanques soviéticos à revolta tcheca, a esperança latino americana expressa nas estratégias militares de Che Guevara ressaltam uma luta estudantil brasileira extremamente politizada e que amadurece na opção pela violência como forma de superação do regime.

Por ocasião do golpe militar (1964), as bases não atendem ao chamado da UNE por greve geral como forma de resistência. Porém, no episódio da morte de Edson Luís, mobilizações nacionais com apoio e adesão popular tomam conta das ruas, amplificados, também, pela insegurança que toma conta da classe média por conta do belicismo do regime, no qual jovens inocentes são assassinados. A

¹¹ Nessa greve a reivindicação em questão era a presença de 1/3 de estudantes nos órgãos de gestão da Universidade. Foram alguns meses de paralisação que mobilizaram 42 Universidades Públicas e 12 particulares.

unidade do Movimento Estudantil (ME) ocorre mesmo com as divergências sobre o seu papel naquele momento. Para setores da União Municipal dos Estudantes do Rio de Janeiro, representados pelo estudante de direito Wladimir Palmeira, o ME tem como função divulgar a opressão do regime militar alinhado aos interesses imperialistas. Para a UNE e a Frente Unida dos Estudantes do Calabouço (FUEC), o ME é parte integrante dos setores revolucionários que conduzirão o povo à revolução. As palavras de ordem "só o povo organizado derrota a ditadura" e "só o povo armado derrota a ditadura" ilustram, na seqüência citada, as diferentes concepções que perpassam o ME naquele momento. As passeatas, sejam as pacíficas, sejam as que partem para o confronto, dão mostras da opção pelo embate contra o regime. Discursos inflamados e panfletos chamam a população para a formação de milícias urbanas. As mobilizações assumem dimensão nacional, bem como a repressão.

As bandeiras estudantis são politizadas a ponto de serem vinculadas à derrocada do capitalismo. Pela primeira vez na história os grupos de esquerda assumem a vanguarda do movimento, hegemonizando a direção das ações¹³, assumindo grande repercussão nas bases. Os estudantes de direita também atuam, organizados em grupos extremistas tais como o Comando de Caça aos Comunistas (CCC) e Movimento Anti-Comunista (MAC).

A derrocada do movimento estudantil começa com a ausência de respaldo público, iniciada nos confrontos da Maria Antônia. Setores da mídia simpáticos aos estudantes de esquerda em alguns episódios deixam de apoiá-los. O desfecho, com a prisão das lideranças estudantis em Ibiúna e a decretação do AI-5, aborta uma opção já anunciada e em processo de difusão, representada pela luta armada. É o adiamento de uma utopia ainda pouco assimilada pelas

¹² 1968: o diálogo é a violência. Editora da Unicamp, Campinas- SP, 1999.

¹³ Entre esses grupos, o PCB (Partido Comunista Brasileiro), grupo do qual fazia parte Wladimir Palmeira, com presença forte nos sindicatos; e a AP (Ação Popular), grupo de Luís Travassos, com base vinculada à Igreja católica progressista.

massas, principalmente a trabalhadora, mas muito presente no seio estudantil, representando a possibilidade da utopia socialista.

Após a desarticulação patrocinada pelo governo militar, o ME da década de 70 constrói novas bandeiras e formas de atuação. Mirza Maria B. PELLICCIOTTA (1997), em sua dissertação de mestrado, ressalta que o momento exige uma reconfiguração de suas instituições e mecanismos de mobilização e manutenção. Num contexto de grande repressão e avanço de reformas educacionais que apontam para a privatização da Universidade Pública temos um crescimento exorbitante das faculdades isoladas - principalmente privadas e localizadas no centro-sul do país. Nessa conjuntura, observa-se a rearticulação das entidades estudantis. As bandeiras específicas, relacionadas à representação discente, às taxas, à ausência de moradia estudantil e aos restaurantes subsidiados são instrumentos de mobilização importantes. As reformas curriculares também aglutinam. A morte do estudante de geologia da USP, Alexandre Vannuchi Leme, em 1974, dá início a um movimento de contestação ao regime militar, com fóruns de discussão e atos públicos. Se os CAs e DCEs ainda sofrem a perseguição da censura e da polícia, outras formas de organização começam a ser estruturadas. As executivas e federações de curso, por intermédio dos encontros nacionais, discutem os problemas pontuais dos cursos e da Universidade. As atividades artísticas são utilizadas como instrumento de aglutinação e politização dos estudantes. É o renascimento, também, dos grupos políticos organizados, buscando assumir a vanguarda do nascente movimento. As publicações, as atividades culturais como instrumento de conscientização e contracultura e as calouradas politizadas são iniciativas que buscam resignificar as ações do movimento estudantil, num período de precariedade econômica do movimento. O orçamento das entidades estudantis é vinculado, por lei, às universidades. O renascimento da UNE, em 1979, inicia

tentativa de retomada da utopia revolucionária da década de 70, em outro contexto: o de redemocratização do país.

É nesse ínterim que surge, em 12 de junho de 1986, dia dos namorados, o Centro Acadêmico da Educação Física da Unicamp (CAEF/Unicamp).

CAPÍTULO III: Metodologia: como fizemos nossa pesquisa de campo.

A construção do capítulo seguinte, o qual constrói e analisa uma trajetória do CAEF/Unicamp durante 15 anos de existência, baseou-se no exame dos arquivos existentes na sede do CAEF e na entrevista semi-estruturada (modelo em anexo) com seus membros ou estudantes que assumiram papel de destaque durante alguma gestão da entidade. Cada documento foi lido e teve seu conteúdo descrito para aproveitamento posterior, estando arquivados na sede do CAEF, situado na FEF/Unicamp. Priorizamos os jornais e atas, mas consideramos outros documentos, tais como ofícios e cartas. Como existiam poucos documentos, achamos relevante buscar depoimentos de membros das gestões do CAEF, colhidas entre julho e novembro de 2002. A preferência era por presidentes ou pessoas citadas com frequência nos arquivos, mas no decorrer das buscas optamos por entrevistar membros sem restrição, contanto que houvesse fidelidade aos documentos e que se pudessem confrontar as declarações com outras entrevistas. Encontramos visões complementares das atividades do CAEF, sob perspectivas diferentes, dando-nos mais elementos para entender as dinâmicas construídas naqueles períodos. Duas entrevistas foram respondidas por e-mail em virtude da falta de tempo dos entrevistados. Todas elas foram transcritas na íntegra.

Pedimos informações complementares a alguns entrevistados, utilizando para isso o e-mail, de acordo com o aparecimento, nos arquivos e em outros depoimentos, de passagens pouco detalhadas na ocasião da entrevista.

Após tal procedimento, pudemos perceber que a configuração do CAEF assumiu 5 momentos nesses 15 anos:

A primeira delas, intitulada "Fundação e construção da representação", ocorreu entre 1986, ano de fundação, e 1989. Caracterizou-se pela estruturação e configuração das prioridades e formas de ação da entidade, notavelmente voltada para a intervenção político acadêmica, sem perder de vista a sociabilidade entre a comunidade da faculdade, bem como a interrelação com outras entidades e instâncias do ME.

A "Constestação festiva" vai de 90 a 94, período em que ocorre uma reestruturação da entidade e a intensificação do conflito político com a direção da faculdade, mantendo a construção da sociabilidade entre os segmentos da faculdade, principalmente entre os estudantes, e os mecanismos de construção da representatividade. Nesse período, cria-se o curso noturno e a Empresa Júnior (EJ) da faculdade, exigindo uma reformulação das estruturas e formas de atuação do CAEF, ensaiadas em mudança do estatuto, mas não consolidadas. A FEF é caracterizada como um espaço festivo e descontraído, sendo que a contestação também assume esse formato, sob a forma de publicações.

O terceiro período vai de 1994 a 1997, denominado por nós de "Perda de referências". Nesse momento o CAEF perde seu caráter de intervenção efetivo, secundarizando a busca de uma representatividade e a intervenção político acadêmica. É uma fase em que as festas são priorizadas e outras iniciativas estudantis ganham corpo, como a Empresa Júnior, as pesquisas e os Grupos Ginásticos.

O quarto período vai de 1997 a 2000. Nessa fase, chamada por nós de "Reconstrução", o CAEF busca recuperar a credibilidade perdida, promovendo festas, discussões e publicações, bem como tendo uma participação mais orgânica e menos individualizada no Movimento Estudantil da Unicamp e da Educação Física. Ela é marcada por uma intensa participação na greve de 2000, momento de grande crescimento político, mas de desgastes pessoais que levam a um descompromisso com a sucessão da entidade, a ponto de o CAEF passar a ser

presidido por um grupo que não tinha preocupação com a construção da representatividade da entidade, nem com a intervenção política em qualquer nível. Essa última chapa em questão marca uma nova fase de declínio e ausência do CAEF no cenário do Movimento Estudantil, tanto local quanto nacional. É marcado, também, pelo crescimento da influência da Atlética no cotidiano do estudante, ocupando um espaço em que o predomínio era do CAEF. É nessa fase de "Abandono" que a entidade, como mecanismo de intervenção político acadêmica, perde seus contornos.

CAPÍTULO IV: Trilhas revisitadas, caminhos reconstruídos.

IV.1: 1986/1990: Fundação e construção da representação.

O ano de 1986 registra momentos singulares na história brasileira. O plano Cruzado se apresenta como instrumento de controle da hiperinflação que dominava o cenário nacional, com índices mensais que ultrapassavam os dois dígitos. Esse plano, um dos primeiros planos econômicos do governo de José Sarney, herdeiro da Nova República¹⁴, baseava-se no controle de preços e salários. O governo incentivava as denúncias por parte da população do aumento de preços, criando os "fiscais do Sarney". O país ainda sentia os impactos da redemocratização, com a aproximação das eleições para governadores e para o congresso nacional, este último responsável pela confecção de uma nova constituição para o país. O consumo aumenta vertiginosamente, com o relativo controle da inflação. Existiam suspeitas de que as grandes redes de supermercados passaram a esconder os produtos de grande necessidade, inviabilizando o consumo e forçando o aumento dos preços. O sucesso momentâneo do Cruzado garante ao PMDB, partido governista, a grande maioria dos governadores e congressistas, momentos antes do declínio do plano econômico.

A Unicamp vivia um processo de organização interna, construindo órgãos colegiados que cuidassem de sua administração, após a crise ocasionada pela intervenção do governador Maluf (1981), por conta da ausência de fóruns internos responsáveis pela gestão da Universidade, concentrando todo o poder na mão do reitor. A FEF/Unicamp, criada em dezembro de 1984, passava por este processo, bem como pela definição das características do curso. As quatro

¹⁴ A nova república tem seu marco inicial com a vitória de Tancredo Neves, em março de 1985, no colégio eleitoral. No entanto, Tancredo falece antes de assumir efetivamente a presidência, assumindo o vice-presidente, José Sarney, ex-líder da ARENA, partido de sustentação dos governos militares.

primeiras turmas (1985-1986-1987-1988) realizaram prova de habilidades específicas para o ingresso, critério muito criticado num momento em que a Educação Física, através de alguns professores, buscava desgarrar-se da influência única das ciências biológicas, assumindo referências das ciências humanas. As primeiras turmas encontram uma faculdade cuja estrutura física, corpo docente e o currículo estavam em construção. Os técnicos oriundos da ATREFE, órgão vinculado à reitoria, responsável pela Educação Física para os cursos da Unicamp, tornam-se professores universitários da noite para o dia, com a criação da faculdade. Outros professores com alguma experiência em Universidades Federais chegam à FEF no período de 1987 até 1990.

Desde a entrada da primeira turma, existia por parte de alguns docentes o incentivo para que os estudantes se organizassem e construíssem uma entidade que os representasse. Segundo Eliana Ayoub (Nana), membro das três primeiras gestões do CAEF, a primeira entidade estudantil a surgir foi a Atlética, por iniciativa do acadêmico Ézio (da 1ª turma/85), em 1985, e incentivo do professor de handebol Laércio Elias Pereira. Ela teria a função de organizar as atividades esportivas da faculdade e da Universidade.

No entanto, existiam estudantes que se interessavam por participar das questões ligadas à faculdade, no âmbito pedagógico e administrativo. Pelas normas do estatuto da Unicamp, cabia às entidades estudantis a indicação de membros para compor os departamentos e comissões da faculdade, espaços nos quais a administração interna era decidida. Esses estudantes do primeiro e segundo anos, começaram a se organizar para criar, sob incentivo do Professor Wagner Wey Moreira, então coordenador de graduação, o Centro Acadêmico da Faculdade de Educação Física. Isso se deu no dia dos namorados de 1986 (12 de junho), em assembléia que contou com a presença de 51 estudantes, quase a totalidade dos matriculados da faculdade, e que elegeu a primeira gestão do

CAEF¹⁵, de junho a setembro do mesmo ano, quando seria eleita a primeira diretoria efetiva da entidade. Essa gestão ficou responsável pela regularização do CAEF, confecção do estatuto e convocação da primeira eleição, bem como da ocupação das vagas de representação nos órgãos colegiados. Nos depoimentos de Eliana Ayoub, Laércio Claro Pereira Franco (Lalá) e Aylton Quirino da Silva (Maguila), é ressaltado o clima de abertura e incentivo por parte da faculdade, tanto da direção, sempre disponível para solicitações e esclarecimentos, e de alguns docentes, incentivadores diretos da participação estudantil. Destacam-se, nesse último quesito, os nomes dos Professores Lino Castellani Filho e Jocimar Daolio, ingressantes na FEF em 1988, João Batista Freire e Silvana Venâncio, docentes da FEF a partir de 1987. A faculdade, na fala desses três ex-membros do CAEF, era uma grande família, em virtude do seu tamanho reduzido e proximidade entre os segmentos. A convivência era constante, existindo uma amizade muito grande entre os alguns professores e alunos, muitos dos quais já se conheciam antes, pois freqüentavam os mesmos lugares. No plano institucional, a diretoria e a coordenação recebiam os estudantes e providenciavam recursos para viagens a eventos acadêmicos e estudantis. Esses recursos institucionais foram comuns até 1990.

Pois bem, após a criação da entidade são definidas seus objetivos, transcritos do estatuto do CAEF¹⁶:

1. *Congregar e representar os alunos de Educação Física, para defesa de seus direitos e prerrogativas;*
2. *Manter contatos e promover atividades conjuntas com associações congêneres, sempre que necessária e conveniente aos interesses e aspirações dos estudantes representados por esse Centro Acadêmico.*

¹⁵ A primeira gestão do CAEF era composta pelos seguintes membros: Presidente: Marcelo Diversi; Vice-presidente: Eiza Hideko Kawano; 1º secretário: Eliana Ayoub; 2º secretário: Roberto Santos Cellocó; Diretor Social: Laércio Claro Pereira Franco; Diretor Cultural: Guanis Barros Vilela Júnior; Diretor de Esportes: Jurandi Lima Castro; Diretor de Ensino, pesquisa e extensão: Flávia Helena Tesch; 1º tesoureiro: Renato Horta Nunes; 2º tesoureiro: Maristela Marçal (ata da 1ª assembleia geral dos alunos da FEF/Unicamp- 12/06/86).

¹⁶ Estatuto registrado no dia 25 de agosto de 1986.

3. *Promover, através de debates, conferências, cursos e distribuição de impressos ou por quaisquer outros meios, a divulgação e discussão de assuntos culturais, sociais, políticos e científicos, visando permitir que os estudantes adquiram plena consciência de sua função na sociedade;*
4. *Lutar pela contínua adequação da Universidade às necessidades científicas, culturais e sociais do nosso povo;*
5. *Defender sempre um melhor nível e condições de ensino, assim como sua gratuidade;*
6. *Lutar pela liberdade e direitos fundamentais, particularmente de expressão, organização, manifestação e reunião;*
7. *Manter um órgão informativo oficial;*
8. *Estimular a prática de esportes entre os alunos, através da organização de competições em modalidades desportivas variadas.*

Os objetivos da entidade dão mostras da ausência da discussão do papel do Movimento Estudantil em relação a um projeto diferenciado de sociedade, apesar de apontar para um entendimento da necessidade de uma Universidade Pública, a partir da defesa da gratuidade e qualidade (artigo 5), e voltada para as necessidades científicas, culturais e sociais da população brasileira (artigo 4), bem como a promoção de espaços nesse sentido (artigo 3). No entanto, não fica claro que necessidades são essas, resposta que poderia ser encontrada, no nosso entender, numa discussão sobre projeto histórico de sociedade. Esses objetivos, construídos sem muita discussão, segundo Nana, apontam para uma falta de clareza política dos estudantes. Essa falta de clareza limitou a entidade, no transcurso da sua história, à assunção de um papel estritamente corporativo, no sentido da defesa de interesses específicos, configurando-se como um sindicato, mesmo que os interesses corporativos não fossem condizentes com um modelo transformador de sociedade.

Entendemos que essa concepção de entidade pode ser vista como algo normal em seu início, pois os estudantes estavam construindo cotidianamente a entidade e suas vivências dariam a eles maior clareza dessas questões. Entretanto, essa lacuna se manteve ao longo das gestões posteriores, como pudemos perceber no decorrer do trabalho.

Antes da criação do CAEF, alguns estudantes da primeira turma da FEF (1985) participaram do VI Encontro Nacional dos Estudantes de Educação Física, em Curitiba, tomando contato com entidades representativas de estudantes de Educação Física e com as discussões que ocupavam o Movimento Estudantil de Educação Física (MEEF), centrado principalmente nas questões curriculares e no comprometimento político do professor de Educação Física.

O contato com os fóruns do MEEF incentivou o recém criado CAEF a organizar um fórum de discussão nas dependências da FEF. Em agosto de 1986 ocorreu o I Encontro USP, UNESP e Unicamp de estudantes de Educação Física, apresentando a estudantes daquelas universidades o Movimento Estudantil da Educação Física, além de discutir questões da área, principalmente no que concernia ao currículo e ao mercado de trabalho. Aquele espaço contou com a presença de cerca de 60 estudantes e sua programação abrangeu grupos de discussão, palestra, festas e jogos. Tal evento é citado por CASTELLANI FILHO (1989), em obra sobre a história da Educação Física, no capítulo em que aborda os movimentos no interior da área.

Naquele período ainda se fazia alusão à crise da Educação Física, discussão de grande ressonância iniciada por ocasião da obra de MEDINA (1983). Neste trabalho, o professor Medina, atuante na FEF/Unicamp em 1986, discutia o comprometimento político dos professores de Educação Física, praticamente inexistente entre os pesquisados por ele num período de intensa movimentação no país por conta da redemocratização. Ele concluía que a Educação Física precisava entrar em crise para discutir seu papel e suas práticas. O I Encontro USP, UNESP e Unicamp de estudantes de Educação Física terminou com as seguintes resoluções, documentados: *cursos com matérias anuais (para que os estudantes ficassem na mesma turma sempre); mudança curricular amplamente discutida; dia de avaliação de curso oficial no calendário; órgãos colegiados com*

composição paritária. (ata do evento, redigida por Elza Hidewo Kawano (Elzínha), datado de 28 de agosto de 1986).

Essas resoluções dão mostras da existência de uma preocupação com os rumos da gestão das faculdades e com a qualidade das mesmas.

Após o evento, os estudantes elegeram, em assembléia realizada em 15 de setembro de 1986, a primeira gestão efetiva do CAEF, composta por estudantes das duas turmas da FEF (85 e 86) e responsável por coordenar as ações da entidade pelo período de um ano.

As primeiras atas do CAEF apontam a preocupação com as questões estruturais da entidade (cantina, cópias de xerox, registro, sede), indicando que a sua estruturação era uma das prioridades daquele grupo. A cantina, em construção, seria administrada por estudantes da FEF e seu aluguel seria revertido para a manutenção das atividades do CAEF. Isso só se concretizou em 1989.

A confecção de veículo de informação também foi prioridade da segunda gestão do CAEF, publicando os primeiros dois exemplares do informativo. O jornal "Sem Nome" começou a circular no segundo semestre de 1986, discutindo política científica, trazendo entrevista com o coordenador de pós-graduação da faculdade, humor, poesia, recados e críticas: A participação de muitos estudantes e docentes no conteúdo do jornal evidencia um clima de proximidade que marcava a relação entre alguns membros da comunidade fefiana. Percebemos, pela publicação, a intenção de dar conta de diversas dimensões que permeavam a vivência na faculdade, nos âmbitos acadêmico, político e social.

Segundo Maguila, um concurso realizado também no segundo semestre de 1986, deu um nome para o jornal. Ele passou a se chamar "O Planeta FEFalho", circulando com esse nome durante o ano de 1987.

Constatamos, a partir dos relatos, atas de reuniões e assembléias, uma grande preocupação em construir a representatividade do CAEF em sua atuação,

através dos espaços de discussão, plebiscitos e passagens em sala de aula. Eliana Ayoub aponta que a receptividade dos estudantes não pertencentes à coordenação do CAEF era boa, mas em alguns momentos, aquela dinâmica de atuação tornava-se cansativa e pouco estimulante.

De forma geral, as primeiras ações do CAEF voltaram-se a dar a ele uma estruturação mínima de funcionamento para apresentar discussões de caráter nacional e promover a integração entre os estudantes da FEF, bem como garantir a participação nos espaços de discussão e decisão da FEF e do Movimento Estudantil da Educação Física. A construção de uma dinâmica de participação democrática se dava por meio das assembléias e reuniões da entidade (semanais e, posteriormente, quinzenais). Não havia uma relação muito próxima com o DCE e os Centros Acadêmicos da Unicamp. Segundo Lalá, existia um preconceito das entidades dos outros cursos, visualizando a FEF como um espaço onde as pessoas não estudavam, eram inferiores intelectualmente, "muscocéfalos", nas suas palavras. Essa visão começou a mudar com a participação do CAEF nos espaços do Movimento Estudantil, dando a ele uma credibilidade perante as demais entidades estudantis do câmpus. No entanto, segundo Lalá, essa participação era restrita e individualizada, característica que também se manteve durante os 15 anos analisados por nós, apesar de em alguns momentos essa característica ter sido minorada.

Quanto à dinâmica de funcionamento do CAEF, havia uma divisão formal dos cargos, mas no dia a dia as tarefas eram assumidas por todos. Obviamente, existiam afinidades e necessidades que exigiam um maior desprendimento de alguns para assuntos específicos. Nana e Elzinha, membros das chapas iniciais, tinham uma participação mais interna. Aylton Quirino da Silva, o Maguila, membro das chapas de 88, 89 e 90, focou sua atuação prioritariamente nas atividades externas. Novamente, percebemos uma conformação diferenciada da prevista no estatuto, no qual a diretoria tinha suas ações definida pelos cargos. Ou seja, a

vivência foi conformando uma atuação sem definição pré-determinada de papéis, num claro desprezo à hierarquização entre os membros da diretoria, havendo uma troca constante de papéis.

O início do ano de 1987, foi reservado para a organização da primeira recepção aos calouros. As atividades promovidas pelo CAEF primavam pela descontração e interação, buscando criar um ambiente alegre e familiar. As atividades que seriam de responsabilidade da Atlética são incorporadas pelo CAEF, em sua diretoria de esportes, entre as quais a Olimpíada dos calouros da Unicamp, conhecida como Calouríadas.

O calendário de eventos do CAEF para 1987, organizado pela diretoria social, previa a recepção aos calouros, o CoNEEF/Unicamp, o ENEEF/Recife e uma viagem dos estudantes. Efetivamente, percebemos uma preocupação com a mesclagem de atividades de convivência e de cunho político.

As discussões em torno do currículo eram freqüentes, pois o 1º currículo fora construído às pressas por ocasião da criação do curso (1985). Elas foram realizadas nos horários de almoço e o CAEF promoveu debates entre os formuladores das 5 propostas em curso. A participação da comunidade docente e discente foi restrita, apesar das iniciativas, ficando a cargo do CAEF e alguns representantes discentes nos departamentos a intervenção estudantil. Para apresentar a opinião dos estudantes, o CAEF, por iniciativa do seu secretário, José Erb Urbana Júnior, montou questionário no qual apresentava algumas questões para a opinião discente. Perguntava-se sobre a estrutura da Educação Física do país; idéias para mudar o quadro; a concepção de Educação Física da FEF/Unicamp; as falhas em sua estrutura; as saídas para os problemas; os aspectos positivos e negativos da faculdade e a opinião dos estudantes sobre sua qualificação para acompanhar o processo de reformulação curricular.

Poucos estudantes responderam ao questionário. Apresentamos um apanhado das respostas de acordo com o relatório realizado pelo CAEF:

1) Alguns opinavam que não deveria haver mudanças naquela estrutura. Entre os que sugeriam mudanças, a organização profissional, as leis que regulamentavam a profissão e a visão que a sociedade tinha da área, bem como a imagem que a imprensa reproduzia da mesma eram elementos que necessitavam de alteração.

2) Entre as idéias apresentadas para mudar o quadro destacam-se as seguintes:

- Reforma dos currículos a partir da reação dos alunos, aproveitando o interesse e valorizando matérias básicas;
- A promoção de um curso que privilegiasse a formação de educadores, não de adestradores;
- Promover debates, seminários, artigos, encontros, para abarcar o maior número de pessoas nas discussões;
- Investimento da direção na participação estudantil nos ENEEFs;
- Intervenção no MEC, visando mudanças;
- Regulamentação do bacharelado em Educação Física, com destaque à pesquisa e estudo;
- Leis para a Educação Física, sem privilegiar a reserva de mercado e uma Educação Física militarizada.

3) Sobre a proposta da FEF para o curso de Educação Física, obtiveram as seguintes respostas:

- Concordância com o curso, por ser mais progressista.

4) Sobre as falhas na estrutura:

- Para alguns, não existiam falhas na estrutura;
- Para os que achavam haver falhas, destacava-se a falta de envolvimento de professores e alunos com o projeto.

5) Sobre as soluções para os problemas:

- Diálogo aberto e promoção de atualizações e debates entre/de professores e alunos.

6) Aspectos positivos da FEF:

- Apoio aos alunos, bom diálogo com direção, classes não muito lotadas, bons professores.

7) Aspectos negativos:

- Grade horária inchada e carga horária mal distribuída.

8) Sobre a qualificação discente para participar do processo de reformulação curricular:

- Alguns não se viam preparados;
- Outros se achavam parcialmente preparados, entendendo que iriam se preparar durante o processo. (*Documento de contribuição discente, apresentado em 1987, sob coordenação do secretário do CAEF, José Erb Urbana Júnior*)

As respostas discentes foram adicionadas aos documentos considerados para a reformulação curricular.

A realização do Conselho Nacional das Entidades de Educação Física (CoNEEF) na Unicamp, em março de 1987, foi uma oportunidade de aproximar os estudantes da recém criada faculdade das discussões do MEEF. Naquele momento, discutia-se o tema do próximo ENEEF, a ser realizado em Aracajú. O foco central era o currículo em Educação Física. A FEF informou às demais entidades sobre o momento que a faculdade vivia, de estruturação, com reforma curricular e contratação de professores; do movimento estudantil TABA, pela construção da moradia; da presença do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte em suas dependências (ata do CoNEEF).

Nos depoimentos de Maguila e Nana, é consensual o entendimento de que o ano de 1987 foi um ano de crescimento para o CAEF, pelas discussões em que esteve envolvido e pelo nível de participação da entidade, tanto interna quanto externa. Maguila ressalta o início da participação do CAEF no âmbito da Unicamp, por conta da consulta para reitor organizada pelas entidades do campus

(Adunicamp, ASSUC, DCE) na qual os estudantes apoiaram o candidato Paulo Renato, posteriormente eleito (gestão 87/91), em substituição ao reitor Pinotti (gestão 83/87). E destaca, também, a participação de alguns estudantes da FEF no movimento pró-moradia, conhecido com TABA, cuja atuação foi marcada por uma ocupação de três anos do Ciclo Básico. Moraram naquele espaço cerca de 70 estudantes, entre eles toda a coordenação do DCE, sendo ali realizadas as assembléias estudantis. Como morador do espaço, Maguila passou a ser o interlocutor do CAEF naquele movimento e nas assembléias. Observa-se, naquele momento, um contato maior, ainda que personalizado, com o DCE.

Aquela discussão exige do CAEF um espaço que defina seu posicionamento político. É feita uma assembléia em novembro que decide pela manutenção da ocupação estudantil enquanto não fossem liberadas as primeiras 500 vagas para os estudantes ocupados (ata da 6ª assembléia dos estudantes da FEF, 30/09/87).

Entre maio e junho de 1987 acontece uma greve dos professores e funcionários por conta do não cumprimento do governo Orestes Quércia da adoção automática da reposição salarial caso a inflação mensal atingisse 20%, mecanismo chamado de gatilho e instituído pelo governador anterior, Franco Montoro. Essa movimentação contou com o apoio oficial dos estudantes da FEF, tirado em assembléia (ata da 3ª assembléia geral dos estudantes da FEF, 17/06/87). É notável, em atas de assembléias a preocupação com a reposição adequada das aulas e a não aceitação de provas antes da definição de um calendário de reposição amplamente discutido com os discentes (ata da 3ª assembléia e 4ª assembléia, 22/06/87). No "Planeta FEFalho" de setembro de 1987, faz-se alusão à greve, causadora do atraso da circulação do jornal. O CAEF presta contas das solicitações que fez à diretoria e coordenação da FEF, relacionadas à contratação de professores, oferecimento de matérias eletivas e cursos de férias.

No informativo, há uma preocupação estampada no editorial com a desmotivação dos estudantes com relação ao curso. Textos de alunos e professores, fofocas e charges, reafirmam o clima de interação que existia na faculdade. Havia ainda a divulgação de um concurso que foi motivo de polêmica na faculdade: os 15 mais e as 15 mais.

Segundo Maguila, essa era uma brincadeira que se baseava na eleição das características esteticamente belas dos estudantes da FEF. A polêmica se deu em virtude das discussões da área na época, nas quais se buscava visualizar o homem total, rompendo com a fragmentação que marcara a Educação Física desde o seu início. Maguila comenta que tudo não passava de brincadeira, os estudantes entendiam a questão levantada pelos docentes, mas não queriam ser sérios a todo momento. O concurso durou até 1991.

A passagem do filósofo português Manuel Sérgio pela FEF, no período compreendido entre 1987 e 1989, é muito significativa para os rumos epistemológicos que a faculdade assume nos próximos períodos. Presente como professor visitante, Manuel Sérgio trouxe para a FEF a discussão sobre a cientificidade da área, defendendo que a Educação Física (Educação Motora) seria um ramo da ciência da motricidade humana, ciência essa que compreendia todas as áreas que tratavam do movimento humano. As discussões trazidas pelo filósofo português influenciaram a mudança curricular da FEF que passou a adotar a Motricidade Humana como matriz teórica do curso. No entanto, os trabalhos de TAFFAREL (1993) e SANTOS (2001) apontam para a existência fragmentada e cada vez menor dessa discussão no curso, conclusão tirada após colherem depoimentos e questionários de professores, funcionários e estudantes. Essa teoria acabou servindo para dar à Educação Física um status de ciência numa Universidade que privilegiava a pesquisa, sem que isso se fizesse realmente presente no projeto do curso e na prática da comunidade, com algumas raríssimas exceções entre os professores.

A participação no ENEEF/Recife, uma das prioridades do ano, foi preparada com debates tematizando o ME brasileiro, o currículo em Educação Física e a Educação e constituinte, dando mostras de uma concatenação com a realidade política do momento.

As duas primeiras chapas do CAEF (1986 e 1987) foram formadas praticamente pelas mesmas pessoas, garantindo uma certa continuidade nas ações. Em setembro de 1987, ocorrem eleições. E pela primeira vez existem duas chapas: a chapa de situação, que tinha a participação política como prioridade e a chapa de oposição, cujo discurso se pautava pela defesa da realização de mais festas na faculdade, priorizando a convivência entre os estudantes. Há registros de que foi marcado um debate, mas não sabemos se de fato ele ocorreu. Findo o processo eleitoral, o resultado foi apertadíssimo. A chapa de situação venceu por 44 a 41. Esse resultado, segundo Nana, levou-os a repensar as suas prioridades, convidando pessoas da chapa derrotada para compor a diretoria para o período 87/88, a fim de equilibrar as ações de cunho político e social. Essa discussão sobre o político e o social assume contornos interessantes no decorrer da história do CAEF. Claramente, existe uma relação direta entre política como discussão e festa como diversão. Parece-nos que essa acepção dos espaços é equivocada, na medida em que não vislumbra a possibilidade de se haver festas que contenham reflexões e discussões que possuam a dimensão festiva. Na história do CAEF essas manifestações (discussão e festas) acabaram assumindo caracterizações cristalizadas.

A posse da nova chapa ocorre conjuntamente a um outro momento importante para o CAEF: a inauguração da sede própria, localizada no ginásio da FEF, conquistada após diversas solicitações junto à diretoria.

Ainda naquele ano de 87, em dezembro, ocorre na Unicamp o Conselho Estadual de Entidades, organizado pela UEE, tendo como pauta a reorganização da UNE, o próprio congresso da UNE e uma discussão sobre escolas públicas e

privadas, evento no qual o CAEF participa indicando um delegado, sem, no entanto, fazer uma discussão prévia, conforme ata de reunião que discutiu o evento (ata da 11ª reunião do CAEF, realizada no dia 17/09/87).

Constam como atividades do CAEF, naquele final de ano, a eleição para representantes discentes nos órgãos colegiados e para o Conselho de Entidades de Base do DCE; a organização local das eleições para o DCE, cuja urna é impugnada; a tentativa de realização de um curso de natação, sob responsabilidade de um estudante da FEF, mas não realizado por conta das dificuldades burocráticas e a indicação de dois representantes da FEF para participarem do CoNEEF/Rio, entre os dias 30/10 e 01/11 (atas da 11ª, 12ª e 13ª reuniões do CAEF).

É importante salientar a preocupação levantada por Elzinha com a legitimidade das eleições para RDs, bem como com a representatividade dos eleitos, e a necessidade de construção coletiva (Documento avulso, possivelmente do final do ano de 1987). Segundo Nana, a participação dos RDs acabava passando pelo CAEF, em virtude das mesmas pessoas assumirem os papéis de coordenadores e RDs.

Os últimos registros de 87 levantam a necessidade de organizar a recepção aos calouros do ano seguinte e a confecção de um jornal para o próximo período letivo.

É destacado o papel possibilitado e assumido pelos estudantes nesse processo de construção da faculdade. Nana relembra de um momento em que a opinião dos estudantes foi critério para a contratação de docentes. Relembra, também, que numa situação de queixa com relação a alguns professores, os estudantes foram convidados a votar sobre a manutenção ou não de um professor (não temos o nome) no quadro da faculdade, algo sem nenhuma sustentabilidade legal. Essa abertura vai diminuindo no fim da década de 80, bem como a intervenção dos estudantes nos processos, com a eleição do novo diretor, em

1990, o professor Ademir Gebara, a reorganização dos departamentos da faculdade e a criação da pós-graduação (1989 - mestrado; 1991 - doutorado).

De qualquer forma, pelo volume e variedade de tarefas realizadas pelo CAEF em 1986 e 87, é inegável o crescimento que a entidade teve no período. A abrangência de suas iniciativas, relacionadas a todos os níveis de movimento estudantil (local, universitário e nacional), inserção institucional (departamentos, reforma curricular), posicionamento político (greve e TABA), acadêmico (curso de natação) e estrutural (arquivo e sede) dão mostras de grande movimentação. No entanto, Maguila, Nana e Lalá apontam para a participação restrita dos estudantes, mas têm entendimento que o CAEF construiu uma legitimidade suficiente para assumir o papel de interlocutor dos estudantes a que se propunha, aproximando-se de uma democracia representativa. A preocupação de colocar-se como sujeito de um processo de disputa institucional na FEF não é manifestada. A presença do CAEF é marcado pelo tateio democrático, nas palavras de Nana, ou seja, na busca por atuações diversas, sem clareza das limitações do espaço institucional e do entendimento de que era necessário construir uma alternativa para a gestão da faculdade. Mesmo entre os docentes progressistas, aqueles incentivadores da atuação estudantil, não há iniciativas registradas de contrapor-se à direção que a faculdade assumia, colocando-se como alternativa institucional.

É importante levantarmos uma discussão relacionada aos papéis dos diferentes segmentos na Universidade, em se tratando de responsabilização e posicionamento político. Os professores acabam assumindo uma posição de conselheiros/incentivadores dos estudantes, colocando-se num patamar diferenciado. Pouco se vislumbra em termos de construção de frentes de atuação conjunta, em torno de um projeto político. A configuração das instâncias decisórias da Universidade (3/5 de professores, 1/5 de funcionários, 1/5 de discentes) reforça tal atitude. A justificativa terminantemente repetida de mais

poderes para quem tem maiores responsabilidades concebe a estrutura como cristalizada, bem como não pressupõe a construção cotidiana da co-responsabilidade das atividades, sejam de ensino, pesquisa ou extensão. O professor é aquele que sabe e por isso deve mandar. Poderíamos dizer que o estudante é tratado como segmento, uniformizado e passageiro. O professor, concebido e cobrado como indivíduo, pulverizando a construção de uma idéia coletiva. Se postulamos uma nova configuração para a Universidade, assumindo papéis comprometidos com a transformação social, não podemos perder de vista a questão da sua gestão, que implica em responsabilização. Precisamos de espaços para fazer essa discussão. No CAEF, só percebemos a menção a esse debate em um jornal (maniFESTAÇÃO DUKA-F, abril de 1990).

A busca de relação entre a situação da faculdade e o momento político nacional é apresentado no exemplar número 4 do "Planeta FEFalho", circulante em abril de 1988, que traz em seu editorial uma discussão sobre a constituição em vias de ser promulgada pelo Congresso Nacional e uma alusão à reforma curricular, também em fase final de elaboração.

O final de 88 é palco de uma nova greve na Unicamp, de mobilização parecida com ocorrida por ocasião da intervenção de Maluf, em 1981. A greve, motivada novamente por questões salariais, consegue sair da Universidade, num movimento intitulado SOS Universidade, chamando a atenção de diversas entidades do Estado para a situação da Universidade Pública. Ela é iniciada em setembro, estendendo-se até novembro. Naquela greve, segundo Nana, a participação estudantil começou restrita, mas se ampliou com a ameaça de perda do semestre e conseqüente atraso na formatura da 1ª turma, ocorrida efetivamente em janeiro de 1989. Como resultado da paralisação, a definição de um percentual mínimo de arrecadação do ICMS do Estado para as Universidades (8,4%) e a mudança do papel dos reitores com relação à comunidade

universitária: de mediadores entre sindicatos e Estado a representantes da política estatal nas Universidades.

No final de 88 temos eleição para o CAEF, sendo que somente uma chapa se candidatou para dirigir a entidade pelo período 88/89. O resultado foi 86 votos a favor, 2 contra e 2 nulos. A gestão eleita tinha os seguintes objetivos:

- Melhorar o espaço físico do CAEF;
- Fazer debates preparatórios para o X ENEEF 89 (Vitória);
- Confeccionar um jornal bimensal;
- Aprofundar os contatos com os professores no sentido de informar-se sobre as discussões científicas da área.

O último objetivo assumiu grande relevância para a gestão, na palavras de Yara Maria de Carvalho, membro daquela gestão e organizadora de debates sobre ciência e suas diferentes concepções e a situação nacional, no qual um dos temas foi a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, em processo de construção por parte de entidades da sociedade civil organizada. As eleições presidenciais são tema para discussão em reuniões do CAEF e em boletins, pois seriam as primeiras eleições diretas desde 1960.

O jornal dos estudantes da FEF muda de nome em 1989. Após plebiscito, o veículo de informação passa a se chamar *ManiFESTAÇÃO DUKA-F*, nome que se manteve até 1993 e que é retomado em 7 exemplares durante os anos de 1998/1999/2000, com a denominação *Manifestação CAEF*.

As atas das reuniões do CAEF mostram que as questões estruturais ainda ocupam grande tempo dos coordenadores. A recepção aos calouros foi a primeira atividade da gestão. Foi composta por atividades recreativas e uma cervejada na cantina, com cerveja distribuída gratuitamente pelo CAEF.

Maguila e Ângelo (Chinês), membros da gestão 88/89 lembram, em seus depoimentos, da existência de um grupo que rivalizou com o CAEF por determinado tempo. Esse grupo se chamava *CLUCA* (Clube dos cafajestes) e se

caracterizava por promover festas nas repúblicas próximas à Unicamp, criticando o CAEF. Essa discussão atinge o auge quando o CAEF marca assembleia e o CLUCA marca uma reunião no mesmo horário para organizar uma festa. Os debates atingem o jornal do CAEF, com textos dos dois grupos, criticando-se mutuamente. O CLUCA acaba em 1989. Pelas entrevistas e documentos, é a primeira vez em que a direção política do CAEF é questionada fora de suas instâncias.

Aquela gestão sofre algumas baixas, com o afastamento de diretores. Algumas festas e a festa junina são realizadas em conjunto com outros CAs da Unicamp e o CAEF indica dois membros para participar do CoNEEF.

Ocorrem eleições para a gestão 89/90, sendo que somente uma chapa se inscreve. A PUTA chapa é eleita com 85 votos a favor, 8 contra e 2 abstenções.

Uma das marcas da gestão foi a circulação bimensal do jornal do CAEF. O *maniFESTAÇÃO* nº1 conta com informes, divulgação de congressos, do ENEEF/Vitória, críticas ao CAEF e do CAEF aos estudantes, contos, poemas e recados, bem como um editorial que analisa a conjuntura do país, com eleições presidenciais marcadas para outubro.

Como Maguila fazia parte do DCE, há a divulgação do 1º Congresso dos Estudantes da Unicamp, espaço de discussão e formulação do Movimento Estudantil da Unicamp.

O jornal nº2 continua na mesma linha, discutindo novamente as eleições presidenciais, com notável simpatia pela candidatura Lula. As questões internas relacionadas à atuação do ME são abordadas, com destaque para o impasse com relação à abertura do bandeirão no período noturno e a moradia ainda em construção.

O *maniFESTAÇÃO* DUKA-F n 3, publicado em abril de 90, traz em editorial a crítica ao programa de privatização do governo Collor e apresenta, na capa, grande expectativa para a década que se inicia, chamando os estudantes

para a discussão e construção de um mundo melhor, mais igualitário. Percebemos, pela primeira vez, uma abordagem que considera o estudante parte de uma Sociedade e, portanto, responsável direto por sua construção. Mesmo quando se levanta em vários jornais os diferentes momentos da conjuntura, faz-se num sentido informativo, como se fossem coisas que estivessem à parte do mundo do estudante da FEF.

Novamente a Unicamp sedia um CoNEEF, a ser realizado no mês de abril. A consulta para diretor e reitor justifica a confecção de um texto sobre a paridade nos órgãos colegiados, reivindicação histórica do ME. Publicam-se críticas à falta de organização e estrutura da faculdade, com alusão à falta de chave para abrir a sala de materiais do Atletismo, acarretando na não realização de aula. Estudante de 2º ano manifesta indignação com a falta de prioridade da piscina para aulas.

O jornal nº4 reafirma a conexão que o CAEF procurava manter entre a questão local e a conjuntura nacional. Há uma entrevista com o diretor que está de saída, o Professor Tojal, a divulgação do XI ENEEF/Aracajú, bem como as FEFocas, casos e um início de discussão sobre a reformulação dos estatutos da entidade.

Reafirmando a boa relação com o MEEF, a Unicamp sedia mais uma vez o CoNEEF, em 1990, entre os dias 28, 29 e 30 de abril. No ENEEF/ Vitória, Maguila assume, por um ano, a coordenação regional Sudeste do Movimento Estudantil da Educação Física, juntamente com o acadêmico Ibsen, da USP. No entanto, é nítido o descompasso entre as discussões nacionais e a postura do CAEF. Segundo Ana Harumi, membro do CAEF 88/89 e Luli, membro do CAEF 91/92, 92/93 e 93/94, a FEF sempre foi marginal em sua posição política no MEEF, por conta de visões diferentes, porém não muito relevantes.

No ano de 1990, a FEF passa pelo processo de sucessão em sua diretoria. A nova gestão é encabeçada pelo professor Ademir Gebara, inaugurando um período

de relações turbulentas com os estudantes, devido à falta de abertura para o debate e o aumento de problemas relacionados aos professores, segundo depoimentos de José Luis de Paiva (Luli), Fabiano Mastroldi e Luis Carlos Duarte Salgado (Magrão). No processo eleitoral não houve uma participação efetiva do CAEF, fazendo o debate e instigando os estudantes a participarem do processo. A FEF estava vivendo um momento de crescimento institucional, inaugurando a pós-graduação em nível de mestrado (1989) e doutorado (1991), apontando para uma nova priorização da administração no que concernia às questões internas. Além disso, sofria um processo de reorganização interna, com a criação de departamentos novos e revisão dos antigos, acomodando disputas e limitando-as aos departamentos. Se até então existia a preocupação em construir um curso de vanguarda nacional e a graduação era o espaço que representava essa idéia, a abertura da pós-graduação inaugura um momento em que a adoção daquela idéia ganha outro espaço de representação.

Não há, também, uma participação no que tange à consulta para reitor, na qual é eleito Carlos Vogt (1990/94).

Nas eleições para o CAEF em setembro de 1990 duas chapas concorrem: MAGlaren e Orloff. A primeira apresentava, nas palavras de José Luís de Paiva, o Luli, membro da segunda chapa, uma perspectiva de atuação mais voltada para as festas. A Orloff tinha esse nome por conta das questões que ocorreram na Argentina, tentando trazer aos estudantes uma discussão que despertasse para o momento político do Brasil. Luli disse ainda que, mesmo derrotada, a sua chapa propôs-se a trabalhar junto ao CA, pois não haviam grandes diferenças metodológicas, apesar da oposição festas/discussões. Eram grupos de amigos que fizeram duas chapas e disputaram. A chapa MAGlaren foi a vencedora, com a seguinte plataforma:

- Organizar os RDs para participar das entidades (CA, DCE) e à nível nacional (MEEF);

- Manter alunos informados através de mural e boletins informativos;
- Prestação mensal de contas;
- Circulação mensal do jornal do CAEF;
- Divulgação de eventos culturais;
- Realização de teatro (festival);
- Realizar discussões para avaliação curricular;
- Avaliação docente;
- Realizar eventos para expor as pesquisas que estão sendo realizadas na faculdade;
- Realizar encontro de alunos e ex-alunos da faculdade;
- Recepção aos calouros;
- Reintegração dos alunos através de festas e promoções;
- Campeonatos diferenciados;
- Integração esportiva;
- Outros.

Segundo Luli, a gestão 90/91 foi pouco ativa na faculdade. Mesmo assim, houve a participação de 25 estudantes no XI ENEEF/Aracajú e a ida ao CoNEEF/UFRJ, além da tentativa, puxada por Luli, de se fazer o I CoPEEF (Conselho Paulista de Entidades de Educação Física), em fevereiro de 91, visando a realização de PEPEFs (Encontros Paulista dos Estudantes de Educação Física) em 1991. O CoNEEF é o principal órgão de representação, profissionalizante e de integração do movimento estudantil em São Paulo. O CoPEEF é uma comissão de organização do movimento estudantil em São Paulo, publicada em junho de 91, uma expectativa de ser estabelecida a participarem e apresenta reportagem sobre o Grupo Ginástico da Unicamp.

A MAGlaren publica jornal em outubro de 91 no qual faz uma avaliação da gestão destoante da apresentada por Luli. No editorial, aponta para uma gestão de boa movimentação política, participação no Interef, manutenção do jornal,

compra de livros e discos e apoio à criação do curso noturno. Levanta o início da discussão sobre a reformulação do estatuto da entidade, mas ressalta que a participação no ENEEF/Aracajú é limitada e ruim.

A atuação da delegação da FEF e do CAEF no ENEEF/Aracajú é criticada em carta do Professor Lino. O CAEF respondeu, mas não foi encontrado nenhum dos dois documentos. Segundo Luli e Magrão, apesar da boa relação entre alguns professores e o CAEF, não havia uma proximidade que possibilitasse a integração e construção de um projeto comum. As ações sempre foram isoladas, conforme mostra a contribuição, através de crítica, feita por Lino ao CAEF. Ou seja, por mais que alguns professores incentivassem a participação política estudantil e a adoção de uma postura crítica, as relações se davam num nível diferenciado, sem cumplicidade de projeto, inviabilizando a construção de uma alternativa de gestão para a FEF/Unicamp.

Como últimas ações do CAEF 90/91 foi comprado um jogo de sofás e o CAEF organizou um churrasco no final do ano que contou com a presença de 107 pessoas, entre professores, funcionários e estudantes, reafirmando a preocupação sempre presente de investir na convivência entre os segmentos da faculdade.

Em atas de reuniões de 89/90, há a reclamação dos coordenadores do CAEF com a apatia dos estudantes e desinteresse com relação aos debates promovidos pela entidade. Há mostras de que o modelo de atuação, centrado nos debates e reuniões não atrai tanto quanto em seu início. A própria criação de um grupo de contestação ao CAEF (CLUCA) dá mostras de algum desgaste da entidade entre os estudantes. De qualquer forma, havia se construído, naqueles 5 anos, uma lógica de atuação que se pautava nas reuniões, assembleias, festas e boletins, um caráter político acadêmico, num ambiente de proximidade e construção de uma democracia interna, na qual os estudantes reconhecem o CAEF e seus espaços como seus. Um exemplo disso é a participação no jornal,

através de artigos, críticas, poesias, charges, recados. Parece-nos, a partir das palavras de Chinês e Maguila e em atas de reuniões do CAEF 89/90 que não parecia ser a forma de realização das discussões que dificultava a participação, mas a ausência de interesse pelos temas elencados por parte da maioria dos estudantes. No nosso entender, é nesse momento que se encerra um ciclo na entidade, marcado pela criação do CAEF e construção de uma configuração pautada na viabilização de mecanismos de representação e envolvimento estudantil na vida da faculdade. Entretanto, as gestões 89/90 e 90/91 começam a sofrer baixas em seus membros e não atraem tanto os estudantes como as gestões anteriores.

IV.2:1991/94: Contestação festiva.

Em eleição realizada no fim de outubro, com chapa única, é eleita a a gestão do CAEF para o período 91/92. A chapa se chamava PUTA tesão (Pela unificação de todos os estudantes) e era formada por pessoas próximas da chapa Orloff, derrotada na eleição anterior.

Essa chapa tinha como propostas:

- Organizar arquivo;
- Abrir conta própria para o CAEF;
- Jornais;
- Reuniões quinzenais;
- Participação maior no Movimento Estudantil;
- Reformulação do estatuto;
- Festas e festivais;
- Outros.

Seu primeiro maniFESTAÇÃO, datado de novembro de 91, traz prestação de contas do primeiro mês de gestão, marcado pela participação em CoNEEF,

realização do 1º INTEREF, festa e 1º encontro artístico da FEF. O editorial convoca as pessoas a participarem ao mesmo tempo em que chama a atenção para os problemas do curso.

Segundo depoimentos de Luli e Luís Carlos Duarte Salgado, o *Magrão*, a FEF era uma grande festa. Após as aulas sempre haviam festas na FEF ou na Unicamp e a convivência entre os estudantes era muito grande, facilitando a organização de eventos e publicações. O CAEF promovia muitas delas, tendo grande visibilidade perante os demais estudantes. Nas palavras de Luli, tudo passava pelo CAEF, desde as competições, viagens e festas.

A PUTA tesão voltou a realizar assembléias, inexistentes no ano anterior. Um dos temas que justificou a realização de assembléia foi a questão do consumo de cerveja na FEF. Havia uma queixa dos docentes de que o consumo de cerveja estaria atrapalhando as atividades acadêmicas. Em assembléia realizada no dia 13/05, os cerca de 50 estudantes presentes decidiram restringir a venda de cerveja aos horários em que não havia aula, com nova assembléia marcada para um mês depois para revisão da decisão. Após avaliação, a nova assembléia é realizada e se decide voltar ao esquema anterior, de cerveja vendida a qualquer momento, já que o modo de agir das pessoas da FEF não havia se alterado. Segundo Luli, foi concluído que o consumo de cerveja em nada influenciava as atividades acadêmicas na faculdade.

A calourada de 92 foi marcada novamente por atividades recreativas e de integração. Em avaliação realizada em reunião do CAEF, foi sugerido que se mesclassem as atividades e as aulas para que não houvesse evasão dos estudantes e professores no período.

O CAEF inicia a convocação de todas as turmas para participarem da reformulação do estatuto, ficando a cargo do Luli essa tarefa. A mudança de estatuto criou uma coordenação de curso noturno para a entidade e seu primeiro

coordenador foi o acadêmico Dida. Com a mudança o CAEF passou a ter 17 coordenadores, numa faculdade de 150 matriculados, ou seja, cerca de 10% dos estudantes da faculdade eram da entidade. No plano externo, o CAEF participa, através de delegados do 42º CoNUNE e do CoNEEF-UnB, além da participação no ENEEF-USP, momento no qual é aprovada a criação da ExNEEF.

Mantém-se o hábito, evidenciado nas publicações, de buscar a relação entre o universo da faculdade e da universidade com o universo externo. O editorial do *MANIFESTAÇÃO* do mês de junho, traz como tema a violência geral.

A busca de representatividade da entidade, através de prestações de conta políticos, é evidenciada. Neste mesmo jornal o CAEF fala de sua participação no CoNEEF, sobre a participação nas calouríadas, da compra de instrumentos para a torcida da FEF, das relações com o CBCE e o processo estatuinte.

A articulação das representações discentes nos departamentos para uma intervenção mais organizada foi tentada, mas isso somente ocorreu na congregação.

A avaliação do CoNUNE publicada no jornal apresenta um sentimento de decepção com o movimento estudantil geral, apontando para a priorização das atividades no movimento de área. Nesse sentido, o CAEF investe na vinda de membro da ExNEEF para debater com estudantes do 1º e 2º anos. Há ainda a divulgação do XI ENEEF (Goiânia) e a indicação de delegados para participar do Conselho Estadual de Entidades (CEE), a ser realizado entre 2 e 4 de abril de 1992.

As questões internas são abordadas através de carta aberta de estudante reclamando do inchaço do currículo e do pouco aprofundamento das disciplinas. Outro estudante faz a crítica à "falsificação" do ideal olímpico por parte da sociedade.

Como parte da atuação interna, o CAEF iniciou um processo de avaliação de disciplinas que causou grande repercussão na faculdade, principalmente entre os professores que não aceitavam ser avaliados pelos estudantes. A avaliação se dava por meio de assembleias em sala de aula. Esse processo foi coordenado por Ângela Harumi, membro do CAEF 91/92. As críticas aos professores, nas palavras de Luli e Magrão eram feitas de forma irônica e debochada, principalmente através dos boletins.

Percebemos, nas movimentações da gestão 91/92, uma tentativa de canalizar as insatisfações estudantis na entidade, centralizando a atuação, dando a ela alguma organicidade que garantisse repercussão. No entanto, tal tentativa não atinge grandes proporções, ficando restrita a alguns estudantes.

O ano de 1992 é de grande movimentação no país, em virtude das denúncias de corrupção que atingiram o presidente eleito em 1989, Fernando Collor de Melo. As denúncias levam a uma grande mobilização da sociedade civil, com destaque para os atos realizados pelos estudantes. A União Nacional dos Estudantes (UNE) e a União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES) ressurgem no cenário nacional e os estudantes tomam as ruas. Os estudantes da Unicamp e alguns da FEF têm ativa participação nos atos realizados em São Paulo e em Campinas. Em um deles, segundo Luli, cerca de 20 ônibus lotados saíram da Unicamp para São Paulo. Em Campinas, um ato programado para no Centro virou uma passeata quando os estudantes começaram a andar, arrastando milhares de pessoas.

A atuação no movimento geral assume uma dimensão maior, com a priorização dos ENEEFs e a presença de um membro do CAEF (Ademir), na coordenação de esportes do DCE. Essa coordenação era de grande visibilidade por conta dos eventos promovidos durante o ano, tais como as Calouríadas e o Intercursos, eventos de grande atração na Universidade. Entretanto, os formatos reproduziam a lógica dos eventos tradicionais, sem questionamento por

parte dos estudantes. Luli e Magrão lembram que, a despeito das discussões sobre a transformação na área, pouco se conseguia de concreto em termos de mudança de perspectiva da prática. Segundo Magrão, houve algumas tentativas, entre elas a realização de torneios de betis e peteca.

Luli passa a participar dos CoNEEFs e é eleito, na USP, para ser coordenador da regional SE 1 do MEEF.

Como momentos de grande movimentação na FEF, promovidos pelo CAEF, podem ser destacados o II Interef realizado na Unicamp, com a presença da Unesp e da faculdade de educação Física de Santo André (FEFISA). Nesses jogos, houve a mistura de atletas entre as faculdades para completar os times quando faltavam jogadores, dando mostra de uma descontração e descompromisso com o resultado e as rivalidades. A OKTOBERFEF, festa que atraía estudantes de toda a Unicamp, é criada e assumida como tradição por alguns anos.

A gestão PUTA tesão encerra-se renovando por 6 meses os aluguéis do xerox e da cantina.

Fica evidenciada uma movimentação freqüente na FEF no ano de 1992, tanto nos âmbitos acadêmico (avaliação), político (Fora Collor, ENEEF e CoNEEFs), social (festas) e esportivo (Interef).

O curso noturno recebe sua 1ª turma em 1992, sem estrutura para tal. Faltava iluminação e funcionários para garantir o funcionamento do curso até seu horário final. A 1ª turma contava com 8 estudantes e sua integração ao diurno, uma das propostas do CAEF, foi frustrada em virtude da falta de disponibilidade dos estudantes para participarem dos jogos promovidos pelo CAEF no final de semana. Todos trabalhavam, apontando para uma tendência que caracterizou o curso noturno durante muitos anos: a presença de pessoas majoritariamente mais velhas e com emprego fixo em outras áreas. Essa tendência começou a ser alterada em 1997, ano em que todas as vagas do noturno são ocupadas pela 1ª vez

e a faixa etária média diminui, bem como o número de pessoas que dedicavam-se a algum trabalho fora da área.

A atuação institucional dos estudantes sofre uma tentativa de represália na congregação da FEF, em virtude de sua freqüente contestação. A congregação aprovou em 18 de dezembro de 91, a seguinte prerrogativa:

Artigo 36: A faculdade de Educação Física se reserva o direito de, a seu critério, solicitar a guia de transferência ou solicitar a não renovação da matrícula, em relação ao aluno cuja a (sic) matrícula seja considerada inconveniente (pauta do 28o CONSU, p. 79).

O CAEF, após ver reprovada tal medida no CONSU do dia 28/07/92, reage ironicamente, chamando a abertura de uma CPI - Caça de Pessoas Inconvenientes - em manifiESTATAÇÃO publicada em setembro. A entidade critica tal medida dizendo que a ditadura militar já havia acabado e incentiva os estudantes a serem cada vez mais críticos e participativos (anexo). Podemos perceber que as seguidas críticas à gestão do Professor Gebara, com relação à democracia interna, não careciam de justificativas.

O jornal ainda traz crítica ao governo por ter acabado com a obrigatoriedade da Educação Física e da Educação Artística no ensino fundamental. Internamente, mantém-se as manifestações de indignação com a falta de profissionalismo de professores, feita por estudante do 2o ano. O especializando Francisco Eduardo Caparroz publica artigo criticando a vanguarda da Educação Física por não mudar a forma do discurso questionador da Educação Física tradicional, pouco inteligível, apesar de coerente.

Em eleição realizada em outubro de 1992 a chapa Animação é eleita com 88 votos a favor, 13 contrários, 3 nulos e 8 brancos. Essa chapa representava a continuidade, com alguns membros da gestão que se encerrava.

A gestão Animação mantém algumas posturas da gestão anterior. Em carta à direção manifesta estranhamento por não ter sido avisada de visita de comissão externa do MEC, realizada entre 23 e 27 de novembro.

Os calouros são recebidos com um maniFESTAÇÃO extra, no qual recebem as boas vindas do CAEF e informes gerais sobre o Movimento Estudantil, a moradia, o CAEF e a Atlética. Pelos arquivos, foi a 1ª vez que se teve a preocupação de apresentar informações iniciais aos calouros através de impresso. Isso se tornou rotineiro nos anos posteriores, realizando-se em 1995, 1997, 1998, 1999, 2000 e 2002.

A calourada é avaliada em documento oficial enviado à coordenação ressaltando pontos positivos e negativos. Avaliou-se que foi muito bom no diurno e ruim no noturno. Ela contou com a realização da aula trote, apresentação da entidade, bixocross, o projeto Alojé 1 Bixo (fracassou), uma vivência com o professor Adilson - avaliada como muito boa - pedágio, cervejada e lual na piscina. A coordenação apoiou a programação.

Em maniFESTAÇÃO publicada entre março e abril de 93, a gestão propõe-se a fazer uma avaliação do trabalho já que o mandato tinha chegado a sua metade. Em editorial, indaga se os objetivos estão sendo cumpridos, em clara alusão ao programa da chapa. Expõe a avaliação discente, iniciativa que continua do ano anterior e ressalta que aquele seria o ano da graduação da Unicamp.

A gestão Animação continua participando do MEEF, organizando uma delegação para o ENEEF/Goiânia, momento no qual há uma divergência na formação da Executiva Nacional dos Estudantes de Educação Física (ExNEEF) e um vazio na coordenação da Regional 1 do MEEF. Mesmo ausente da coordenação, o CAEF realiza um Conselho Regional de Entidades de Educação Física (CoREEF) na Unicamp. O último maniFESTAÇÃO DUKA-F da gestão apresenta um conto denominado "A CPI do PW", reproduzido na íntegra por nós (em anexo) pelo conteúdo crítico que traz. O conto sugere, utilizando nomes adaptados de

personagens da FEF, a existência de irregularidades com relação à realização de aulas por parte desses personagens. Esse documento foi motivo de ameaça de processo judicial por parte de um professor que se sentiu ofendido. O CAEF publicou um jornal extraordinário (anexo) dizendo se tratar de um conto fictício e que qualquer semelhança com a realidade não passava de mera coincidência.

A participação do CAEF nos fóruns do ME era uma prioridade da época, ao ponto de haver uma discussão anterior sobre as pautas levantadas nos encontros, buscando superar a lógica da auto-representação.

Em 1993, a UNE chama uma greve geral na qual o CAEF decide não aderir; ao invés disso, promove paralisação discente no dia da avaliação do curso, algumas semanas após a greve da UNE. Com relação ao Conselho Estadual de Entidades da UEE, a não participação se dá pela discordância com a política em vigor da UNE/UEE, naquele momento e até hoje, nas mãos da UJS/PC do B.

O último jornal ordinário ainda lembra que o 1º ano, após anos de tentativa das turmas anteriores, conseguiu finalmente retirar a professora Miriam do quadro docente da FEF, docente extremamente criticada por todas as turmas que por ela passaram (anexo). O CAEF anuncia que o ano que está por vir promete, pela troca de diretor e reitor na Unicamp. Nesse contexto, com a realização de mais uma OKTOBERFEF e da festa "Anos 70", o CAEF realiza eleição com chapa única, a "Valisere: a 1ª eleição para diretor a gente nunca esquece".

Em boletim informativo do CAEF número 00, a chapa expõe os princípios para o mandato:

- Movimento Estudantil: apoio à criação da UEE-SP, desde que houvesse construção coletiva e democracia;
- Fortalecimento do MEEF em São Paulo;
- Unicamp: oposição ao DCE 93/94;
- Curso noturno: cuidados com a qualidade;

- Sede: promover utilização através de filmes, jornais e revistas;
- Representação Discente: ocupar espaços;
- Participar de debates sobre a sucessão na FEF.

Diferentemente das chapas anteriores, a maioria das propostas está relacionada à participação no Movimento Estudantil em todos os âmbitos, o que daria mostras de uma priorização da participação política da entidade nas instâncias do ME. No entanto, conforme depoimento de Ana e Luli, esta participação mantém-se individualizada, não tendo grande eco entre os demais estudantes. O ENEEF, fórum máximo de deliberação do MEEF, por exemplo, era concebido pela maioria como um espaço para grandes festas, namoros e turismo barato, segundo eles.

A faculdade vive, no início do período letivo de 1994, o processo de sucessão para a diretoria, com as candidaturas únicas de Edison Duarte e Pedro José Winterstein. Mesmo com toda a contestação estudantil que marca a gestão de Ademir Gebara, não há uma candidatura próxima politicamente dos estudantes. Conforme falas de Luli, os docentes mais politizados da FEF não se organizaram para fazer a disputa institucional. Mesmo o CAEF não assume o papel de incentivar uma candidatura do seu interesse. Dessa forma, a diretoria da entidade se organiza para sabatar os candidatos à direção, juntamente com os demais estudantes. Segundo Ana de Pellegrin, membro do CAEF 93/94, esse momento foi de grande importância para que os estudantes se informassem melhor dos processos de sucessão ocorridos na faculdade. No entanto, no que tange ao processo de sucessão para reitor, não houve movimentação, segundo depoimento da acadêmica Diná Tereza Ramos de Oliveira, membro do CAEF entre 96 e 98 e ingressante naquele ano.

A ida ao ENEEF/João Pessoa mobilizou muitos estudantes, mas foi marcado pelo afastamento dos estudantes da FEF com experiências nesse tipo

de evento, por conta das divergências com a ExNEEF. O afastamento acarretou na ausência de preparação para a participação no espaço. Segundo Diná, os estudantes da FEF não participaram do ENEEF, utilizando da verba pública do CAEF para realizar uma viagem de turismo.

A avaliação docente não ocorreu naquele ano (1994), os jornais começam a rarear e os espaços de discussão diminuem, iniciando um processo de perda de espaço do CAEF na faculdade, num momento de crescimento das pesquisas na faculdade e organização de um grupo de estudantes para formar a Empresa Júnior. A atuação interna do CAEF no ano de 1994 foi dificultada, também, por conta da greve dos docentes e dos funcionários, momento no qual a faculdade esvazia-se. Naquele ano, não ocorrem as festas tradicionais: a festa junina, a OKTOBEREFEF e a festa dos anos 70, diminuindo a visibilidade e interlocução do CAEF com os demais estudantes, feita, de alguma forma, através desses espaços.

Segundo Magrão, a greve se caracterizou como um período de férias fora de hora, sem que houvesse participação dos estudantes da FEF no processo.

Se o CAEF não publicava mais as manifestações existia o BOLETEFE, boletim produzido inicialmente pelo Professor Laércio Elias Pereira e posteriormente pelo Professor João Batista Freire. Nesse boletim, segundo Diná, eram revelados várias tramóias e coisas mal feitas na administração da FEF. O Boletefe teve vida curta, entre 94 e 95.

Com essa gestão encerra-se mais uma fase do CAEF. Durante os anos abordados (1991/1994), o CAEF vive altos e baixos com relação aos processos de construção da sua representatividade, ao mesmo tempo em que a faculdade cresce significativamente e a graduação deixa de ser a prioridade, com a criação da pós-graduação e reconfiguração dos departamentos. A falta de boletins informativos, a ausência de assembléias e uma diretoria voltada para a realização de eventos esportivos e festas sem abordagem política, além da ausência de

renovação de quadros apontam para uma perda de espaço do CAEF, parcialmente ocupado pela Empresa Júnior, principalmente no ano de 1994. A postura da nova diretoria do instituto difere da anterior, sendo mais aberta e receptiva, diminuindo os atritos com o CAEF.

IV.3:1994/96: Perda de referências.

A gestão 93/94 termina e em eleição novamente realizada com chapa única, a ATP (não conseguimos saber o que significava), inicia-se uma nova gestão do CAEF 94/95, cujos presidentes da entidade eram os acadêmicos Maurício e Fabiano Mastroldi, este último entrevistado por nós.

Segundo Fabiano, a presença de dois presidentes se deu pela tentativa de juntar o CAEF e a Atlética na mesma entidade. O grupo da gestão era formado por pessoas do 2º e 3º anos e outros do 5º e 6º anos que tinham uma experiência com o esporte de competição.

Naquele momento, o CAEF perde a cessão da sala do ginásio para a Empresa Júnior, entidade que contava com amplo apoio de alguns professores e que tinha como função a confecção e implementação de projetos na área do lazer. Geralmente, as EJs serviam como ponte entre a Universidade e o mercado, principalmente privado. O CAEF foi transferido para uma sala atrás do salão de dança. É consensual, anos depois, que a mudança foi prejudicial ao CAEF. Luli tem esse entendimento, bem como Diná e Fabiano, pois a sala original era bem localizada e estruturada. Os dois últimos, além de Luciana Marcassa, membro da gestão 95/96, falam da influência de alguns professores para a criação e ocupação daquele espaço por parte da EJ. A nova sala do CAEF ficava num local pouco freqüentado e era pouco aconchegante. Dessa forma, a gestão 94/95 preocupou-se em tornar a sala visível aos estudantes, realizando festas no salão de dança e nas quadras externas, sem a preocupação de potencializar uma participação política, mas de aproximar os estudantes do espaço do CAEF.

Nesse sentido, ocorreu a calourada, a festa "Traje a rigor" e a OKTOBERFEF. No plano acadêmico político, o CAEF tomou a frente, segundo Fabiano, de um processo de denúncia da contratação ilegal do Professor Gallo, fato que não se concretizou, utilizando de informativos (não existentes no arquivo). Participou, também, do processo de denúncia dos formandos de medicina que invadiram os espaços da FEF e de outros institutos cometendo atos de vandalismo. Esse último episódio levou o CAEF a iniciar uma discussão sobre o espaço da FEF e a fechá-lo por um dia em protesto à utilização sem critérios do seu espaço acadêmico, assumido como espaço de lazer pela Unicamp e comunidade externa (folheto à comunidade encontrado no arquivo).

A participação no ENEEF 95, em Uberlândia, assumiu contornos um pouco diferentes do ENEEF anterior. Segundo Diná e Fabiano, o fato de não haver praias e de haver algum trabalho organizativo anterior fez com que algumas pessoas participassem (aproximadamente 5 num total também aproximado de 50). A FEF, segundo Diná, ainda tinha o rótulo de exclusivamente festeira.

Diná participou da gestão 94/95 e não se lembra de movimentações políticas relevantes. Entende que a organização da festa junina da FEF foi importante por possibilitar uma construção e responsabilização coletiva, mas que tal princípio não era hegemônico nas atividades do CAEF.

Fabiano ressalta, ainda, que a FEF tinha um representante no DCE, Luciano, fazendo com que se reforçasse uma relação ainda individualizada, sem reflexos na base, mas garantidora de alguns privilégios, tais como a ajuda financeira do DCE para eventos.

A gestão 94/95 se encerra e um novo grupo, construído no "vácuo" do anterior, assume a entidade. Nas palavras de Diná, membro daquela gestão, configuravam-se duas concepções de entidade naquele grupo. Um grupo composto por ela, Vinícius Terra, Luís Fernando (Smurf) e Andresa Ugaia, que entendiam a

entidade como promotora de espaços de discussão e intervenção dos estudantes no ambiente acadêmico; outro grupo, composto por Paula Leitão, Érika e Luciana Marcassa, que viam a entidade como promotora de festas como meio de entretenimento e integração. O início da gestão se dá com a realização de reuniões nas quais são definidas algumas ações para potencializar a utilização do espaço do CAEF pelos estudantes, tais como a compra de um aparelho de som e discos. A calourada foi montada, com eventos de integração. Já haviam divergências entre os grupos, mas o estopim, segundo Diná, ocorreu durante a cervejada de recepção, na qual parte do grupo rompeu acordo firmado em reunião e resolveu comprar mais cervejas do que o combinado para serem distribuídas gratuitamente. Ocorre, então, um racha que esvazia o CAEF, impedindo-o de promover atividades até mesmo culturais, tais como a OKTOBERFEST, uma das promessas de campanha.

No entanto, houve uma movimentação para os estudantes da FEF participarem do XVII ENEEF, em Cuiabá, no qual seria discutido pontualmente uma questão polêmica na área: a questão da regulamentação do profissional de Educação Física.

Como se tornou regra, não houve preparação alguma sobre o espaço; o CAEF não tomou a iniciativa de organizar momentos de esclarecimento sobre o ENEEF, facilitando a já tradicional dispersão dos participantes da FEF, ainda mais num local rico em belezas naturais como a chapada. Mesmo assim, cerca de 5 estudantes da FEF participaram do evento, evitando que a plenária final do evento aprovasse uma moção de repúdio contra os estudantes da FEF/Unicamp. Esses estudantes, indignados com a postura dos colegas e do CAEF, escrevem uma carta ao chegarem a Campinas, criticando-os. A carta, intitulada "Os melhores docentes e os piores discentes" (anexo) foi lida em todas as classes, com grande repercussão. Ela deu origem a outra carta, escrita pela coordenadora geral do CAEF (anexo), Paula Leitão, a qual se contrapunha às críticas da carta

anterior, criticando o esvaziamento da entidade por parte da coordenação e dos estudantes. Nesse contexto ocorrem eleições para o CAEF.

A eleição para o CAEF 96/97 marca a volta dos debates políticos e sobre o movimento estudantil, como nunca houvera antes. A plataforma das chapas abordava vários pontos, levantando elementos sobre a avaliação da universidade, o financiamento, a LDB e a regulamentação da profissão ("CAEF para todos"); enquanto isso, a chapa "Dessa vez vai" apontava para a rearticulação entre as representações discentes e o CAEF e a necessidade de se ampliarem os espaços de debate na faculdade. Pelo que pudemos perceber, o resultado da eleição (179x64, em favor da chapa "Dessa vez vai") foi definido muito mais pela postura e credibilidade que as pessoas que compunham a chapa tinham do que o teor das propostas. Pelos relatos e registros, foi a única vez em que o processo eleitoral foi marcado pelas discussões efetivas, passadas em sala de aula, criando um ambiente de questionamento. Normalmente, os processos assumem um papel formal, não proporcionando um ambiente de discussões.

Se olharmos para as eleições que ocorreram no CAEF no decorrer de sua história composta por duas chapas (foram somente 4 {87/88;90/91;96/97;00/01}) veremos que em todas elas as referências pessoais foram mais efetivas do que as propostas e programas. Isso mostra que na política estudantil as referências pessoais, pautadas no reconhecimento e respeitabilidade que as pessoas constroem perante os colegas são muito importantes, apontando para uma despolitização e ausência de interesse da maioria dos estudantes participantes do processo.

Encerramos, nesse momento, mais uma fase do CAEF, pois o ciclo no qual as discussões perdem terreno para as festas, inaugurando uma fase no qual ambos são contemplados e a participação estudantil torna-se mais efetiva, ainda que pequena. As representações discentes estão instáveis e distantes do CAEF.

É importante percebermos que a formação de grupos precários e com concepções diferentes do papel da entidade são a tônica do período 94 a 96, havendo rachas e esvaziamento da entidade.

IV.4 - 1996/2000: Reconstrução.

Na formação da chapa "Dessa vez vai" há a aglutinação de estudantes de diversas turmas, tanto do diurno quanto do noturno e uma clareza de objetivos muito comum entre os membros. Isso possibilitou a promoção de diversas atividades, nem sempre renovadoras, mas que deram ao CAEF uma visibilidade vinculada à atuação política acadêmica.

Logo de início, o CAEF publica um jornal, chamado "O Atleta", buscando recuperar esse antigo hábito da entidade. Além disso, procura apresentar uma prestação de contas política, como nas gestões 91/92 e 92/93. Entre as atividades realizadas entre novembro de 96 e março de 97, destacam-se (documento não oficial):

- Promoção de divulgação do informativo 00;
- Participação no CoNEEF-BH;
- Festa de comemoração pelo 1º lugar no intercursos;
- Planejamento das atividades do 1º semestre;
- Participação no CoNEEF-Presidente Prudente;
- Participação no curso de formação política da ExNEEF;
- Cervejada diurno e noturno;
- Organização e patrocínio do trote;
- Criação do kit bixo (adesivo, camiseta e short);
- Organização da eleição da Atlética;
- I jogos integrativos noturno;
- Apoio Atlética FEF/ calouríadas;
- Vivência de capoeira;

- Participação no DCE;
- Participação em todas as reuniões da comissão de ensino de graduação;
- Grupo de discussão sobre modificações nos cursos noturnos;
- Reunião noturno com 80% dos alunos;
- 7 reuniões do CAEF até o momento;
- Pesquisa sobre modalidade licenciatura para o noturno;
- Promoção de atividade cultural com exposição de fotos;
- Apoio para o interanos 97.

Tal número de iniciativas esbarra na ausência de um veículo de comunicação periódico, um jornal que divulgasse esses feitos a toda a faculdade. Naquele momento a FEF passava por uma discussão sobre alteração do currículo, realizada somente na comissão de ensino de graduação. Essa discussão, nas palavras de Diná, não aconteceram de forma ampla, a ponto de serem aprovadas sem grandes questionamentos. Ela afirma que os estudantes não tinham uma posição discutida sobre a formação profissional, o que impossibilitava uma intervenção mais abrangente e esclarecedora. O novo currículo foi aprovado, aprofundando o mosaico que era e é a grade da FEF, com aumento da carga horária no núcleo comum, dificultando a vivência externa dos estudantes.

Aproveitamos esse momento ilustrativo para elaborarmos uma reflexão sobre a formação proporcionada pela FEF. Apesar de alguns avanços no que concerne ao rompimento com a unicidade do paradigma biológico, o curso sempre esteve pautado por essa concepção, percebida nas práticas dos professores e na configuração do currículo. Para garantir a diluição das diferentes visões de área, inchou-se enormemente a carga horária, dificultando a priorização de outras atividades, tais como as vivências no Movimento Estudantil institucional. O curso da FEF nunca teve um projeto pedagógico claro, confundindo o estudante, obrigando-o a optar rapidamente por uma tendência. A participação política foi

ignorada. Não há espaço para isso, muito menos atitudes e debates nas disciplinas, com raríssimas exceções. Como apresentar possibilidades de uma formação transformadora sem proporcionar espaços sobre o que isso significa? Como construir uma vivência democrática numa geração originária de pessoas crescidas na ditadura militar? As respostas a essas questões são desafios que deveriam nortear a construção de um projeto pedagógico que apresentasse um currículo preocupado em discutir a questão da democracia¹⁷ e da atuação comprometida com esse princípio por parte do profissional formado pela FEF.

Durante a reconstrução do CAEF houve uma preocupação com o símbolo da entidade e sua identidade visual. Éden Silva Peretti, membro das chapas 96/97, 97/98 e 98/99, desenvolveu uma logomarca (anexo), um homem pensando com uma miniatura de atleta sobre a mão, dando mostras do momento em que a Educação Física se encontrava, do pensar o ser humano em movimento. Essa logomarca foi pintada numa grande bandeira e reproduzida em eventos e publicações.

Naquele ano, em julho, ocorreu o XVIII ENEEF, em Belém, discutindo o papel da Educação Física na nova ordem mundial. Diferentemente dos anos anteriores, o CAEF promoveu espaços de discussão, numa semana pré-ENEFF, realizando palestras e atividades que dessem ao estudante condições mínimas de interagir com o espaço. Éden e Carol, membros do CAEF, assumem coordenadorias na ExNEEF/regional1. A festa junina da FEF, juntamente à barraca no festival "Coisas da FEF" foram meios de se conseguir fundos para a viagem a Belém do Pará e construir uma dinâmica de ação coletiva com vistas a facilitar a integração entre os participantes.

O CAEF consegue ocupar a representação discente nos departamentos e comissões através de eleições feitas no quiosque da cantina, forma de se

¹⁷ Conceito entendido com a garantia mínima de direitos humanos ao lazer, saúde, alimentação, moradia, participação política, entre outros.

possibilitar o conhecimento e referendo dos estudantes aos representantes. Outro mecanismo iniciado que buscava dar visibilidade às lideranças e ao mesmo tempo dividir responsabilidades era a eleição de representantes de classe, para coordenar e difundir as iniciativas do CAEF. Essa iniciativa funcionou parcialmente nos anos de 1998 e 1999.

Como consequência da discussão iniciada em Belém, o CAEF promove debate sobre a regulamentação da profissão, com as presenças dos professores Lino Castellani Filho (opositor) e João Batista Gomes Andreotti Tojal (defensor), debate ocorrido na congregação da faculdade, espaço totalmente tomado pelos estudantes.

As pequenas festas, iniciadas no fim das tardes (os happy hours) são retomadas, buscando ampliar os espaços de integração e contato dos estudantes.

A calourada também é retomada, agora com uma iniciativa nova, a cartilha do bixo, material de consulta confeccionado pelo CAEF aos calouros, com informações básicas sobre o ME, moradia, a FEF, entre outras.

O CAEF buscou realizar uma reorganização na sua forma de gestão. Após participarem do curso de animadores sócio culturais do professor Marcellino, seus membros resolvem mexer na forma de atuação, alterando a configuração de diretoria para coordenadoria, com autonomia de atuação para cada uma delas, buscando descentralizar as ações e possibilitar a participação de novas pessoas. As coordenadorias criadas foram: geral, marketing, administrativa, cultura e ensino.

No decorrer de sua história, o CAEF poucas vezes respeitou a hierarquia dos cargos definido em estatuto, assumindo, no cotidiano, uma direção colegiada. Essa configuração funcionava, na medida em que havia uma integração muito grande entre os membros das gestões. Quando isso não acontecia, haviam lacunas no trabalho, bem como sobrecarga em alguns membros. A divisão de trabalho e a receptividade para com as pessoas novas só foi prevista com a reformulação da

forma de organização do CAEF em 1997, através das comissões. No entanto, elas não funcionaram da forma como tinham sido pensadas, apontando para um despreparo para com a metodologia empregada. Ou seja, muito do isolamento da entidade se deu pela incapacidade de pensar formas de inserir os estudantes nas atividades do CAEF, seja na construção, ou na efetivação das iniciativas. Reproduziu-se, assim, uma divisão de trabalho de caráter alienado, em que ações pessoais não encontraram respaldo coletivo nem entre a diretoria da entidade. Ou seja, projetos de caráter coletivo viraram projetos pessoais, sendo que as chances de sucesso das empreitadas minoraram-se.

A retomada das iniciativas do CAEF leva à formação de uma chapa bem extensa para a próxima gestão. A chapa única "Tem que ter/ser FEF" é eleita com a tarefa de dar prosseguimento ao processo iniciado e construir uma participação dos estudantes da FEF nas consultas para reitor e diretor que seriam realizadas em março e abril de 1998. Entre as propostas da chapa, destacam-se:

- Maior discussão entre os alunos;
- Articulação e participação mais efetiva dos representantes de turma, de departamentos, da congregação, da CEG;
- Integração diurno/noturno, através de jogos, palestras, debates, festas, encontros;
- Integração bixos/veteranos (trote 98);
- Cartilha do bixo;
- Vivências e cursos;
- Semana da FEF;
- Semana pré-ENEFF;
- Integração/ intercâmbio com outros cursos/ faculdades;
- Mural FEF/ CAEF;
- Estruturar a sede;

- Símbolo da FEF;
- Informativos mensais;
- Calendário mensal nos informativos;
- Avaliação parcial de cada disciplina;
- Revisão do estatuto: otimização das diretorias e redistribuição das funções.

O CAEF começa a assumir uma postura de aproximação ao ME geral, aproximando-se do DCE e participando do Conselho Estadual de Entidades da UEE/SP. No entanto, ainda são posturas pessoais, pouco refletidas nos estudantes da faculdade e entre os próprios membros do CAEF.

Uma aproximação mais efetiva e massiva ocorre com a ExNEEF, organizando na FEF/Unicamp, em dezembro de 97, o 1º CoNEEF da gestão 97/98.

Durante o início da gestão, o CAEF se depara com um problema sério a ser encarado: um professor estava utilizando um pós-graduando para dar aulas de sua responsabilidade em turma de graduação, sem a devida supervisão. Ao denunciar essa problemática ao coordenador de graduação, que era o professor em questão, os membros do CAEF passaram a ser ameaçados de processo e represálias acadêmicas por parte do mesmo. Esse professor alegava que os estudantes estavam sendo utilizados por um grupo político que queria boicotar sua candidatura à coordenação de pós-graduação da faculdade, o que não procedia, segundo Édén, membro do CAEF naquele momento.

Houve seguidas ameaças por parte desse professor, inclusive perseguição a três estudantes da turma que se posicionaram contrários à atitude do professor, através de avaliações diferentes a cada um deles. O CAEF acabou voltando atrás nos questionamentos, pois não encontrou apoio dos demais professores da faculdade, muito menos da direção.

Aliás, as consultas para diretor, coordenadores de graduação e pós, bem como a consulta para reitor, tiveram participação efetiva do CAEF na realização de debates e esclarecimentos à comunidade fefiana. Havia um mural do CAEF no qual eram expostas as propostas dos candidatos a reitor. Com relação à consulta para diretor, o CAEF marcou reuniões para a exposição das idéias dos candidatos, tanto no diurno quanto no noturno. Em reunião realizada em 14/04/98, o CAEF discute impressões das reuniões com os candidatos, percebendo uma boa abertura, mas poucas propostas concretas para a resolução dos problemas que a faculdade sofria, tais como a falta de professores em horários fixos, os problemas de funcionamento do curso noturno, entre outros (ata de reunião do CAEF de 14/04/98).

A FEF, segundo Édén, tinha um problema muito sério no início de 1998: muitos professores contratados em regime de dedicação exclusiva trabalhavam em Universidades privadas irregularmente, diminuindo seu tempo de permanência na faculdade. O CAEF solicitou à nova direção que indicasse aos professores a afixação dos seus horários disponíveis em quadro de horários na porta de sua sala. A diretoria não se mexeu e somente dois professores se dispuseram a cumprir a solicitação.

O CAEF promoveu curso de mergulho, buscando contemplar os estudantes na complementação acadêmica. Os happy hours continuaram ocorrendo no quiosque da cantina.

No que tange à participação no ME, o CAEF participou da reorganização do DCE, após impugnação da eleição de 97/98, assumindo uma vaga no DCE provisório (DCE de CAs). O estudante Oscar Lopes Lazzarini foi eleito no final de 1997 através de assembléia dos estudantes na qual se colocaram duas posições, segundo Édén. Havia dois candidatos: um estudante mais antigo, antigo membro do DCE e coordenador de uma das chapas impugnadas (Oscar); um calouro, sem experiência no ME (Carlos Eduardo). O debate foi acalourado, sendo explicitadas

concepções diferenciadas de ME e diferentes versões para a impugnação da eleição. No final, Oscar venceu por um voto, o que fez com que o CAEF se desdobrasse para acompanhar as reuniões do DCE, pois discordava das posturas e concepções daquele estudante. A participação de Oscar, no entanto, foi restrita. Ele renunciou à indicação em abril de 1998, por discordar dos rumos que o DCE estava tomando naquele momento.

Também no início do ano, o CAEF organiza delegação para participar do VIII Seminário do Movimento Estudantil e Esporte (SMEE), nas dependências da UERJ.

A ida ao ENEEF foi um momento de relativa mobilização. Houve a formação de uma comissão pró-ENEEF, responsável por realizar eventos visando a captação de recursos para viabilizar a viagem, bem como eventos preparatórios aos participantes. Manteve-se a barraca do festival da FEF e foi feito um happy hour. A semana pré-ENEEF foi importante ao abordar a temática do ENEEF em palestra e espaços informais de discussão.

O grupo que viajou a Brasília era grande, cerca de 40 pessoas, e encontrou um evento extremamente desorganizado. As divergências entre os grupos participantes levaram à mudança da programação e a assembleias extraordinárias tensas. A experiência foi ruim, pois reforçou a imagem de intransigência, intolerância e ausência de debate real que o ME já possuía entre aqueles estudantes. A coordenação da regional 1 ficou vaga, pois as delegações de São Paulo abandonaram a plenária final, não indicando membros para as coordenações.

A atuação do CAEF naquele ano ganha um apoiador de peso dentro da administração da faculdade, segundo Natalie Simone Graue, membro do CAEF das gestões 97/98 e 98/99. Em abril é eleito para a coordenação de graduação o professor Jocimar Daolio, acessível e aberto às demandas estudantis. A gestão de Jocimar inaugurou um hábito pouco usual na faculdade: a divulgação das atividades da coordenação através do boletim "Corpo decente". Outra iniciativa

de grande repercussão da coordenação foi a realização da avaliação docente num único dia, com a presença dos professores e estudantes, proporcionando boas conversas em algumas turmas e ríspidas discussões em outras.

Uma conquista relevante para a FEF naquele ano deu-se com a aprovação do curso de licenciatura para os estudantes do noturno, após anos de luta. Segundo Diná, desde 1996 os estudantes do curso noturno reivindicavam a possibilidade de cursar a licenciatura, mas o coordenador Roberto Vilarta dizia ser impossível por conta de dificuldades para a faculdade de Educação. Com a entrada de Jocimar, o processo teve andamento e a FEF conquistou essa possibilidade.

Mas o ponto alto daquela gestão deu-se com a disposição de co-organizar, juntamente com o CAEF e os representantes de turma, a 1ª semana acadêmica, evento em que as aulas foram suspensas para que os estudantes e professores participassem de palestras, vivências, jogos, festas, apresentação de monografias e bate-papos sobre o curso. Durante a semana acadêmica houve a tentativa de recuperar uma antiga tradição da FEF: a OKTOBERFEF. No entanto, a festa ocorreu num espaço externo da faculdade e foi organizada pela turma 97 diurno com vistas a obter recursos para a formatura. Durante o evento, vários problemas operacionais aconteceram, causando tensões e divergências entre o CAEF e a organização. A festa, naquele momento, assumiu um caráter financeiro, não priorizando o espaço de confraternização.

A semana da FEF foi de extrema importância no sentido de dar espaço ao CAEF e abrir um canal de diálogo amplo sobre a faculdade e seus problemas, chamando os estudantes e professores para um debate fora dos espaços burocráticos e engessados da faculdade.

No fim da semana da FEF, o CAEF consegue recuperar outra tradição dos estudantes da faculdade: o jornal manifestação CAEF, composto por artigos, crônicas, humor, charges e recados. Naquela edição, comenta-se sobre o sucesso

da empreitada recém terminada sem, entretanto, deixar de criticar a ausência da maioria dos professores e estudantes da FEF nos espaços do evento.

Mesmo muito presente na faculdade naquele ano, o CAEF não participa da reformulação da atuação da CODESP (Coordenadoria de Desenvolvimento do Desporto), ocorrida em 1998. Essa coordenadoria da faculdade, responsável pela gestão dos projetos de extensão, teve sua função redirecionada para a promoção dos cursos de extensão pagos, nos quais existem monitores orientados por docentes recebendo bolsas pela atividade, com esses docentes e alguns funcionários recebendo complementação salarial por isso. O CAEF não participou desse processo, não se opondo a esse direcionamento, o que gerou um boom de cursos pagos na faculdade, disputando espaço com as aulas, além de assumir um caráter de prestação de serviços. Nessas atividades, em sua maioria, não havia vinculação com atividades de ensino e pesquisa. Isto está presente até hoje, tornando a FEF uma grande escola de esportes.

Com toda essa movimentação, encerra-se mais um mandato do CAEF e uma nova chapa é montada, no vácuo da chapa anterior, com alguns membros daquela chapa. A "Tempus Fugit", novamente chapa única, é eleita em novembro de 1998, com a proposta de continuar as iniciativas da chapa anterior. Novamente, não há envolvimento dos estudantes no processo, a votação é uma formalidade que transcorre silenciosamente, sem debates e questionamentos.

A gestão 97/98, apesar de ter sofrido algumas baixas naquele ano, consegue ter uma participação efetiva em vários âmbitos: social (festas), político (MEEF e Unicamp), acadêmico (semana da FEF, departamentos e comissões, curso de mergulho), documental (boletins e atas), buscando recuperar algumas iniciativas de gestões iniciais e do início da década de 90.

A gestão "Tempus Fugit" assume em novembro de 1998 e tem as seguintes propostas:

- 2ª semana da FEF;

- Volta do periódico *Manifestação CAEF*;
- Financiamento de projetos e viagens acadêmicas dos estudantes da FEF;
- Palestras periódicas;
- Orçamento participativo;
- Semana pré-ENEFF;
- Organização do trote 99;
- Kit/cartilha do bixo;
- Integração com *Atlética*;
- Happy hours;
- Mural informativo;
- Sessões de filmes periódicos;
- Cursos e vivências;
- Atividades: *Jornal via malote* e festa junina.

A ida ao CoNEEF-Vitória, o 1º após o ENEFF-Brasília aponta para uma predisposição do CAEF em retomar a participação no MEEF, mesmo após as divergências ocorridas no evento de julho. No reinício do ano letivo de 1999, o CAEF novamente manda representantes para o CoNEEF-Juiz de Fora. Um hábito interessante das gestões daquele período era a delegação de pelo menos dois estudantes para os CoNEEFs, sendo que um deles sempre era novato. Era uma forma de iniciá-los naquele tipo de espaço de discussão.

O jornal *manifestação* do CAEF mantém-se periódico. Em edição de março de 1999, o CAEF faz alusão ao problema dos computadores da faculdade, insuficientes e obsoletos, dificultando o acesso dos estudantes à informática. Além disso, é debatida a utilização do espaço das salas de aula da faculdade, próximas à biblioteca, pois a faculdade projetava reformulá-las, transformando-as em laboratórios. Artigo de Éden no *Manifestação CAEF* de março de 1999 faz alusão aos tempos em que a Educação Física pautava-se por princípios e práticas

das instituições militares, nas quais a crítica sugerida com os estudos não encontrava espaço. Questionava a dificuldade de se utilizar as salas de aula, fechadas e com as chaves controladas pelos funcionários da biblioteca.

Em maio de 1999 ocorreu o Congresso da UEE/SP, em Sorocaba, espaço no qual o CAEF mandou dois representantes, um indicado pela entidade e outro eleito. Nessa eleição, houve dois candidatos, sendo um deles membro da gestão e outro aquele estudante que assumira e renunciara à representação do CAEF no DCE de CAs (1998). O processo de escolha foi personalizado, não havendo debate político. No final, houve 200 votantes, com 183 votos para o membro do CAEF, 16 votos para o concorrente e 1 voto nulo. A participação dos dois estudantes da FEF (Mateus e Luciana Dantas) nesse evento serviu para iniciá-los no movimento estudantil geral, tomado pelas disputas partidárias e sem espaço para debates. Em artigo de prestação de contas publicado no jornal *Manifestação CAEF* (maio, junho e julho/1999), os estudantes comentam os problemas que identificaram em Sorocaba, chamando a atenção para a necessidade de construir um Movimento Estudantil pautado no debate e nas ações coletivas. A ida ao Congresso da UNE, em Belo Horizonte, acabou prejudicada pela repercussão negativa do Congresso da UEE, não havendo grande empenho do CAEF para realizar o processo de escolha de delegado.

Naquele ano, o CAEF começa a participar menos individualmente nos espaços do DCE (assembléias e reuniões de CAs), tentando discutir as questões em reunião para levar uma posição do grupo. Mesmo assim, eram discussões superficiais, sem a profundidade necessária para estar efetivamente inserido nas ações oriundas das discussões. Além de ampliar o número de membros participantes, o CAEF possuía uma estudante que já se envolvia mais diretamente com o DCE (Luciana Dantas), desde 1998.

Como a regional 1 do MEEF estava desarticulada, o CAEF tratou de enviar cinco representantes ao EREEF-Sul, realizado em Maringá-PR, para aproximar-se mais dos espaços do MEEF e conhecer aquele tipo de evento.

Continuando a tentativa de mobilização e construção da participação dos estudantes no ENEEF, o CAEF coordena a criação de comissão pró-ENEEF, novamente responsável por captar recursos para a ida a Recife, no XX ENEEF. A festa junina, novamente construída coletivamente, assume grandes proporções. A barraquinha no festival coisas da FEF foi outra iniciativa mantida. A semana pré-ENEEF inicia os estudantes no tema em questão (Socialismo x Capitalismo: quem está em crise?) e nas terminologias empregadas pelo ME. Dessa forma, e com o apoio financeiro da coordenação de graduação, cerca de 45 estudantes participam do XX ENEEF. Ainda sob repercussão negativa do ENEEF-Brasília e motivados pela cidade turística, muitos daqueles estudantes nem se propuseram a aparecer nos espaços do evento, repetindo práticas comuns nos ENEEFs de João Pessoa e Cuiabá. Inclusive, naquele ENEEF, cerca de 20 estudantes, os turistas da delegação, são atingidos por insolações e intoxicações alimentares. Mesmo com um processo preparatório, percebe-se que não há uma opção política transformadora por parte do estudante, motivada pelas questões debatidas no capítulo I, mas uma aversão à discussões que apresentem um outro projeto de sociedade que não o capitalista hegemônico, a não ser que apresentem práticas de fácil assimilação para o uso nas atividades profissionais. Críticas à metodologia dos espaços foram freqüentemente levantadas, mas pouco ou nada se sugeriu para que se alterasse a configuração dos mesmos.

Após o ENEEF-Recife, no qual são restabelecidas os vínculos políticos com a ExNEEF, através da ocupação das coordenadorias na Regional 1 do MEEF, o CAEF passa a priorizar a construção da 2ª semana da FEF, marcada para novembro de 1999. Novamente há um amplo espaço de construção, coordenado pela coordenação de graduação, no qual os estudantes individualmente e os

representantes de classe, juntamente com o CAEF, sugerem temas e formatos para o evento. Palestras relacionadas ao treinamento esportivo, educação formal e informal, marketing, regulamentação da profissão, bem como vivências, happy hour e bate papos, compõe a programação da semana que acabou tendo uma participação semelhante ao ano anterior. Em Manifestação publicada na semana posterior ao evento, o CAEF publica a avaliação do evento, contando com a resposta de vários participantes coletadas em questionário.

A realização de duas semanas da FEF consecutivas demarca a atuação formativa proposta por aquelas 3 gestões sucessivas do CAEF, pautada na promoção de espaços de discussão que levassem à construção de um pensamento crítico por parte dos estudantes da FEF. No entanto, em termos de intervenção nos rumos que a faculdade tomava, a atuação estudantil ficava restrita aos representantes discentes nos órgãos colegiados, espaços reconhecidamente complicados para uma atuação mais politizada, pela composição e formato burocrático que o caracterizava e caracteriza. Isso não significa que eles devam ser abandonados, mas nunca entendidos como espaços finais de construção de outra lógica de gestão, mas como meio complementar de atingí-la.

O fim do semestre se aproxima e com ele as eleições para o DCE e o CAEF. A FEF tem uma aluna candidata a vaga na Comissão Central de Graduação, inserindo minimamente o debate eleitoral no espaço da faculdade. Paradoxalmente, as eleições na Universidade são marcadas por uma característica dos pleitos do período da República Velha, em que o voto de curral era predominante. Para a escolha das entidades estudantis, os estudantes da faculdade geralmente votam nas chapas que possuem membros do seu corpo discente, mesmo que eles não sejam reconhecidos como lideranças. Naquele momento, essa lógica se manteve e a chapa que alguns membros do CAEF apoiou teve a grande maioria das votos da FEF. Segundo Luli, isso sempre aconteceu na FEF.

Para as eleições do CAEF, somente uma chapa se inscreveu, num processo eleitoral novamente curto e de pouca participação, ocorrido no final de novembro. A chapa "Vira-latas" é montada por pessoas que participaram dos trabalhos do CAEF durante o ano, tais como a Semana da FEF e membros da chapa "Tempus Fugit". Suas propostas de gestão vão no mesmo sentido dos anos anteriores:

- Manutenção do Manifestação CAEF e lista de discussão;
- Estabelecer nova sede para o CAEF;
- Financiamento de estudantes em congressos da área;
- Realização do 1º EREEF-SP;
- Participação no ENEEF/UFRRJ;
- Criação de logotipo e definir cores para a FEF;
- Promover atividades sócio-culturais

Não há um debate político sobre as eleições e o Movimento Estudantil. No entanto, naquele ano há um movimento na faculdade de restabelecimento das atividades da Atlética, fragilizada nos últimos anos, baseado na organização de eventos esportivos e participação no Pré-Interref, competição classificatória para o Interref. Com essa proposta e a realização de festas em boate, a Atlética começa a assumir um papel significativo no cotidiano do estudante da FEF, ao mesmo tempo em que o CAEF perde espaço. Isso ganha contornos mais evidenciados no ano seguinte.

No final de 99, o CAEF manda representante para o CoNEEF-Belém, espaço de construção do ENEEF e das decisões políticas da ExNEEF. Novamente, esse representante não discute com seus pares o que estará levando para o CoNEEF, reafirmando a lógica da auto-representação muito presente no ME. No nosso entender, a auto-representação dava-se por vários motivos que vão desde a falta de clareza do espaço, caracterizado pela tomada de decisões, bem como pela falta de organização para antecipar as discussões e levar uma proposta. Em

nossa experiência no CAEF, deparamo-nos com essas realidades, não havendo a predisposição para a auto-representação.

É nesse contexto que termina o ano de 99, momento em que a estabilidade financeira nacional começa a desmoronar com a crise asiática e a alteração do preço do dólar, causando déficit na balança comercial brasileira e um aumento maior das dívidas interna e externa do país.

A gestão "Vira latas" organiza no reinício do ano letivo de 2000 a recepção aos calouros, reeditando a antiga cartilha do bixo, chamado naquele momento de manual de sobrevivência do bixo. A recepção, pela primeira vez na história da FEF, não possui uma cervejada financiada pela CAEF, bem como um pedágio oficial de arrecadação de renda para cervejada externa. Ao invés disso, há um pedágio na região do Centro de Convivência de Campinas, no qual os calouros distribuem à população panfletos sobre a situação precária da Universidade, camisinhas e sacos de lixo. Naquela calourada, os calouros participam de uma palestra no curso de jovens do MST (Curso Realidade Brasileira para jovens do meio rural), realizado no ginásio do MST, proferida por Frei Betto, cuja temática era a militância. Após a palestra, houve um café da manhã no salão de dança, espaço de integração e bate papo entre os estudantes calouros e veteranos.

A reformulação do espaço da calurada, tentativa daquela gestão do CAEF, vinha tentar mudar a concepção de trote predominante na Universidade, vinculada à descontração pura e simples - marcadamente norteadas por uma divisão hierárquica entre calouros e veteranos - para uma recepção que privilegiasse a convivência e o contato com experiências e temas distantes do cotidiano dos ingressantes.

O CAEF avaliou positivamente a experiência (Manifestação CAEF número 7, abril de 2000), mesmo que muitos veteranos não tenham ficado satisfeitos com as mudanças tentadas, principalmente a não realização da cervejada.

Novamente, o CAEF enviou representante para um CoNEEF. Este evento, realizado em Aracajú, fechou os detalhes para a realização do ENEEF-UFRRJ, e o CAEF discutiu minimamente os pontos que seriam levantados naquele espaço para subsidiar a atuação da delegada, buscando superar a lógica da auto-representação (ata de reunião do CAEF/março de 2000).

Já no início do ano, o CAEF começou a sofrer um processo de afastamento de alguns de seus membros, ocasionado pela redefinição de prioridades por parte daquelas pessoas, fazendo com que a entidade começasse a sofrer de um problema crônico do ME: a personalização da entidade. As reuniões ordinárias aconteciam no quiosque da cantina tentando chamar a atenção das pessoas.

Houve ainda um happy hour, tentando manter os espaços de integração, mas o momento clímax do 1º semestre daquele ano foi, no final de abril, a deflagração da greve de professores, funcionários e estudantes. Fazia dois anos que não haviam reajustes salariais e a gestão Hermano Tavares, caracterizada como opositorista em relação às 3 últimas gestões, encontrara uma Universidade em precária situação financeira. No entanto, não soube dialogar com a comunidade universitária sobre esses problemas, principalmente com a comunidade estudantil.

Desde o início da gestão Hermano, o DCE tentara se reunir com a reitoria para negociar pontos definidos como prioritários para os estudantes, como a bolsa trabalho, o bandeirão, a moradia, entre outros, sendo ignorado, mesmo após um acampamento, uma ocupação e vários atos públicos. A inimizade cultivada foi enorme.

A deflagração da greve na FEF foi uma ação na qual os estudantes tiveram grande participação. Após o início da greve definida em assembléia docente, os estudantes chamaram uma assembléia discente extraordinária no momento das aulas para discutir o assunto, defendendo a greve dos professores como um momento importante no sentido de resgatar o sentido público da Universidade e

discutir seus problemas. No diurno e no noturno, naquela segunda feira, os estudantes assumiram apoio à greve, posição manifestada em reunião docente na manhã seguinte, numa sala cheia de estudantes. Foi criada uma comissão interna de mobilização, responsável por organizar eventos na FEF para manter a comunidade por lá. Essa comissão trabalhou durante os 53 dias da greve, indo nas assembléias, atos em São Paulo e Campinas, bem como informando os demais estudantes. Além disso, participava diariamente das reuniões do comando de greve estudantil em frente ao DCE.

O movimento de greve foi um momento de extremo amadurecimento e entendimento do que ocorria com as Universidades Públicas, mas deu mostras de que poucos professores, funcionários e estudantes queriam realmente defendê-la, movendo-se unicamente pela questão salarial. Mesmo assim, foi o maior movimento de greve desde 1988. Pelos depoimentos colhidos, mesmo incipiente, o movimento de greve na FEF atingiu maiores proporções do que nas greves anteriores, havendo um entendimento de luta conjunta com docentes e funcionários. A greve não era só deles, muito menos um período de férias antecipadas.

Durante a greve, ocorre o 3º CoNEEF, antecedido por um curso de formação política, realizados na UFRRJ. O CAEF foi representado por 6 estudantes, sendo 2 calouros. No entanto, não houve uma boa preparação para o ENEEF, como nos anos anteriores. O CAEF dedicou-se a realizar o I EREEF-SP, nas dependências da FEF/Unicamp, entre os dias 30 de junho a 2 de julho, evento que contou com a presença de cerca de 50 estudantes da USP, UNESP-Rio Claro e Unicamp. O evento foi muito proveitoso, no sentido de possibilitar uma aproximação entre os estudantes daquelas Universidades, além de iniciar a discussão sobre a Educação Física e os movimentos sociais, tema do ENEEF-UFRRJ. Discutiu-se também a regulamentação da profissão e a reorganização do MEEF no Estado. Entretanto, em termos de repercussão interna, o EREEF foi

pouco expressivo, os estudantes da FEF não participaram. Além disso, não houve uma boa divulgação tanto anterior como posterior do evento.

A ida ao ENEEF, próxima prioridade do CAEF, foi prejudicada pela data de sua realização (22 a 29 de setembro), num ano atribulado, de greve. Mesmo assim, cerca de 15 estudantes da FEF se prontificaram a ir a Seropédica e 2 deles ocuparam a coordenadoria regional 1 do MEEF. Além deles, um estudante da FEF (Mateus) assume a coordenação geral da executiva nacional, o que exige uma readequação de sua permanência e militância na FEF, afastando-se do CAEF.

A última prioridade do CAEF para o ano de 2000 foi a realização da 3ª semana da FEF, cuja função seria discutir questões internas, tais como a extensão e o ensino, a realização de vivências e espaços de confraternização. A 3ª semana acadêmica da FEF ocorre numa realidade diferente dos anos anteriores. A coordenação havia mudado, não haviam representantes de classe na organização e a nova coordenação não assumiu o evento. Juntou-se a isso, a divulgação precária e a necessidade de negociação individual com cada professor para permitir a ida dos estudantes para os espaços. Resultado: o evento foi esvaziado e as discussões sobre a faculdade não tiveram a repercussão esperada e necessária.

Dessa forma, com um grupo desintegrado, com os membros restantes desgastados e sobrecarregados, o CAEF 99/00, gestão Viralatas, encerra seu mandato.

A chapa sucessora, "Chapa todos", venceu as eleições (137 a 46) da "Chapações", com uma plataforma pautada na realização de festas, criticando as gestões anteriores e ignorando a participação no ME seja ele da EF quanto da Unicamp. É nesse momento que há uma ruptura com 4 anos de gestão do CAEF nas quais a participação estudantil buscou ser construída, através da representação estudantil nos departamentos, nas salas, no ME da Unicamp e da Educação Física e nos espaços de discussão e confraternização.

Apesar de 2000 ter sido um ano muito intenso em termos de atuação externa do CAEF, foi um ano fraco em termos de movimentação interna. Com exceção da congregação, a representação discente dos departamentos e comissões sumiu, não houve a eleição dos representantes de classe e as festas não foram realizadas em virtude do calendário de reposição corrido por conta da greve. O Manifestação CAEF só circulou em uma edição, no início do ano, não dando continuidade a essa forma de comunicação recuperada há 3 anos e mantida desde então. A lista de correios eletrônicos, meio de comunicação entre CAEF e estudantes que atingira metade dos matriculados da FEF é desativada, por conta de problemas com vírus.

Encerra-se um ciclo, no qual o CAEF trabalha muito, constrói uma configuração pautada na atuação político acadêmica, mas que é muito frágil, insuficiente para criar uma cultura de participação e formatação da entidade. Ao mesmo tempo, a FEF cresce enormemente, atingindo os 500 estudantes de graduação, sendo que metade deles no noturno; a carga horária é extensa (cerca de 3000 horas/aula) e os espaços de convivência, principalmente as festas, são dificultados pelas restrições apresentadas pela reitoria (proibição para a realização de festas após as 23h) e o início das aulas da FEF às 19h. Os projetos de extensão ocupam todos os espaços da faculdade e os estudantes, cada vez mais, assumem papéis profissionais que os empurram para fora da faculdade. O CAEF não dá conta de apresentar respostas para todas essas questões, perdendo o fôlego e o estímulo para continuar a construção de atividades de caráter representativo.

IV.5-2001/2002: Abandono.

Com aquela plataforma, a "Chapa todos" assume a gestão do CAEF 00/01. Mantém-se, então, o esvaziamento dos espaços oficiais (representação discente

nos departamentos e comissões) e extra-oficiais (representação de classe), ausência de veículo de comunicação e de espaços de debate de quaisquer temas na faculdade. Segundo Eduardo Fantato, membro daquela gestão, o grupo, inicialmente formado por 15 pessoas, foi se esvaindo no decorrer do ano, por redefinição de prioridades e ausência de envolvimento, até por não terem clareza do que era o CAEF e de quanta dedicação exigiria. As poucas reuniões que aconteceram foram realizadas em bares ou casas de membros da gestão. Não eram divulgadas, impossibilitando a participação das pessoas.

Duas iniciativas foram efetivadas na gestão: a realização de duas "Festas na Floresta", a última delas em parceria com as comissões de formatura e a ExNEEF. Nesse caso, houve a sugestão por parte dos membros da ExNEEF da FEF para a realização da festa, ficando a seu cargo a organização e divulgação. As duas festas contaram com a presença de muitos estudantes.

A ida ao ENEEF não foi organizada. Poucos estudantes foram por iniciativa própria, sem preparação. Só em Vitória foi sabido que o CAEF iria pagar a inscrição dos participantes.

A gestão 2000/2001 termina totalmente desarticulada e sem credibilidade, não realizando o que propôs, abstendo-se de construir uma representatividade, debater com o estudante e participar do movimento estudantil, seja local ou externo. Os estudantes, por sua vez, mantêm-se apáticos, apesar de alguns reclamarem do imobilismo do CAEF.

Não há nenhuma prestação de contas financeiro ou político, nenhuma publicação. O CAEF fica ausente da FEF durante o ano, ou pior, o CAEF tornou-se uma pequena sala cheia de papel em frente à cantina, com mesa de sinuca. A reivindicação de uma sala melhor localizada para o CAEF, solicitação repetida desde 1997, não é bem utilizada pela gestão. Houve a compra de um sistema de som para o CAEF, utilizado, em sua maioria, em festas particulares dos membros da entidade. Segundo Eduardo, antes de compor o CAEF, aqueles estudantes

achavam que a gestões que lá estavam não se esforçavam para informar os estudantes. Na entidade, pôde perceber que não havia interesse por parte do estudante em serem informados.

Por outro lado, a Atlética ganha força, com a ida de cerca de 100 estudantes para o Pré-Interref e o Interref, consolidando-se como entidade aglutinadora e canalizadora de interesses, mesmo que na perspectiva da prestação de um serviço e não da construção de ações definidas coletivamente. É importante percebermos que, se o CAEF tem como característica a busca da representatividade, a Atlética assume o papel de promotora de um interesse coletivo pré-definido, qual seja, as práticas esportivas. Isso não seria ruim se se percebesse essa manifestação como algo construído historicamente, portanto, caracterizado por formatos e interesses que reforçam valores predominantes no capitalismo, quais sejam, a competição exacerbada e a vitória a qualquer custo.

As eleições para a gestão 2001/2002 ocorrem com chapa única, "Fala sério", grupo que se propõe a retomar a atuação interna e externa do CAEF, através da semana da FEF, da participação no MEEF, dos jornais periódicos. A chapa é eleita numa eleição sem quorum mínimo (cerca de 140 estudantes votaram), novamente sem debate sobre o papel do CAEF na faculdade. Não entraremos na discussão sobre essa gestão. Propusemo-nos a discutir as trilhas do CAEF durante os primeiros 15 anos de atuação, período que se encerra com o fim da gestão 00/01.

CAPÍTULO IV: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesses 15 anos de atuação do CAEF/Unicamp pudemos perceber que a configuração de uma entidade é condicionada por várias questões, de caráter pessoal e coletivo, interno e externo. Entre essas questões, chamamos a atenção para aquela que no nosso entender, é primordial para a construção de uma entidade e suas linhas de ação: a definição de um projeto histórico de sociedade.

Esclareço: as ações do CAEF estão contribuindo para a manutenção ou transformação da realidade em que estamos inseridos, transformação essa que insira a grande maioria excluída da população brasileira?

Obviamente, as demandas que se apresentam nem sempre respondem diretamente a essa questão, de forma que é necessário construir uma lógica de definição de prioridades e construção de uma estrutura condizente com as mesmas.

Pudemos perceber, no transcurso das gestões, que a definição desse projeto nunca esteve clara. Nos momentos iniciais da entidade, foi determinante o incentivo externo, o clima de abertura nacional e local, a boa convivência entre os segmentos da faculdade. Num segundo momento, professores que não demonstravam valorizar suas aulas ou que eram ruins mesmo e uma direção autoritária deram o empurrão necessário, além das atividades festivas. No momento subsequente, enfraquecidos os motivos anteriores, só questões corporativas movimentavam ainda que debilmente os estudantes da faculdade. A apatia e o descompromisso levaram a uma crise só superada com uma ruptura, voltada para a configuração de uma entidade que se pautasse pela promoção de espaços de discussão. Nesse momento percebe-se há alguma intencionalidade de inserção minimamente politizada e contextualizada, apresentando elementos que dessem condições de desenvolver atitudes críticas, mesmo que dispersas ou individualizadas. No entanto, a dispersão e individualização resultaram num novo distanciamento dos princípios que estavam sendo construídos. Somente na fase de "Reconstrução", no nosso entender, ensaia-se uma busca de pautar a atuação nos termos de um projeto de sociedade que atingia dimensões e papéis específicos naquele mundo microscópico chamado FEF/Unicamp.

A construção dessa perspectiva, cuja alimentação teórica estaria nos fóruns de formação do ME, partidos políticos ou numas poucas disciplinas da FEF

e outras nos institutos da área de humanas, não foi privilegiada pelos estudantes que passaram pelo CAEF, ou, se o foram, isso se deu quando estavam dele se afastando.

Dessa forma, nos altos e baixos que marcaram o CAEF/Unicamp nos 15 anos analisados por nós, as ações, nos diversos âmbitos, estiveram marcadas pela ausência dessa perspectiva, de forma que não cresceram significativamente para a consolidação de um entendimento do estudante como aliado para a construção de uma sociedade socialista, nem do futuro profissional intelectual orgânico da classe trabalhadora. Foram experiências individuais marcantes, é a idéia comum entre os entrevistados, clareou muita coisa em termos de entendimento de mundo e da universidade, mas não despertou para uma opção militante, excluídas as raras exceções.

De qualquer forma, não há como deixarmos de considerar que outros muitos fatores influenciaram e prejudicaram a capacidade de perceber essa perspectiva transformadora e um papel do movimento estudantil nessa direção: as mudanças no mundo do trabalho, no qual os estudantes estão cada vez mais presentes, impedindo a vivência política, além de reforçar uma lógica alienada de trabalho; o grande crescimento da faculdade, não acompanhado de uma reconfiguração da entidade e redefinição de suas frentes de atuação, trazendo, como consequência parcial, a um crescimento da Atlética e da Empresa Júnior; a pulverização da formação acadêmica, apontando para um projeto de curso voltado para demandas mercadológicas; a fragilidade das gestões, muitas delas muito heterogêneas quanto ao entedimento do papel da entidade, outras esvaziadas; a ausência de apoio externo, seja de outras entidades do ME quanto de professores na direção da construção de uma frente de mesmo projeto político; a conjuntura desfavorável, apontando, com raras exceções (greve de 88 e greve de 2000) para um refluxo do movimento universitário ou uma atuação pulverizada

e desgarrada de um envolvimento maior da comunidade universitária; entre outras.

É indispensável percebermos que estamos falando da falta de entendimento dessa perspectiva dentro de uma entidade representativa, que buscou, em tese, a construção de uma democracia representativa, característica essa que nunca se efetivou.

Não somos pessimistas quanto à cristalização dessa característica no ME. A construção da entidade é um desafio muito grande, exige desprendimento e objetivos claros para o estabelecimento de ações nessa direção.

Para vencer essas limitações, precisamos, no mínimo, do ânimo demonstrado por Éden, em documento do CAEF 97/98:

"Historicamente os CAs e DAs têm sido culturalmente (e até legalmente) enfraquecidos, tendo suas funções deturpadas, banalizando-o. Esse é o maior canal de participação política (espero que vocês já tenham desmistificado essa palavrinha tão odiada e estereotipada) dos estudantes, e ele não pode morrer, não pode parar, independente de quantas pessoas estiverem trabalhando nele. O CAEF somos nós que fazemos, ele tem cara de quem participa e tem vontade de trabalhar. Tenha noção disso tudo e, mesmo sozinho ou com poucas pessoas, lutarei (sic) para que cada vez mais e mais pessoas saibam de sua real função e venham atuar, participando e expondo suas idéias, nesse espaço que é de todos os estudantes. Espero poder contar com sua ajuda nesse resto de ano e, quem sabe, numa próxima gestão que dê continuidade a essa briga contra nós mesmos."

Esperamos que esse ânimo todo não tenha passado com a idade, como insistem em dizer os conservadores travestidos de experientes, ou melhor, que a opção militante sempre supere as intempéries e armadilhas que a sociedade capitalista nos apresenta a cada instante, nos chamando de loucos sonhadores quando somos no máximo, utopistas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMO, W. H.: Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. Revista Brasileira de Educação. No 5 e 6. 1997. p. 25-35.
- Associação dos docentes da Universidade Estadual de Campinas: ADUNICAMP em defesa da universidade. Campinas-SP, Editora da Unicamp, 1991.
- BOURDIEU, P. A juventude não é só uma palavra. 1983. p. 113-117.
- BORGES, V. P. O que é história?: Coleção Primeiros passos, São Paulo-SP Brasiliense, 1981.
- BOTTOMORE, T.: Dicionário do pensamento marxista. São Paulo-SP, 1983, Jorge Zahar Editor.
- BRANDÃO, A. C e DUARTE, M. F. Movimentos culturais da juventude. São Paulo-SP, 1991, 7ª edição.
- CAROS AMIGOS. Juventude indignada. Ano VI, no 64, julho de 2002, p. 32-37.
- CASTELLANI FILHO, L: Educação Física no Brasil: a história que não se conta. 6ª edição, Campinas-SP, Papirus, 2001.
- DUARTE, S., VANNUCHI, C. Geração Zapping, in Revista ISTO É, São Paulo, n.16 59, p. 82-87, 2001.
- FERREIRA, M. G.: Contribuições do movimento estudantil para a formação progressista de estudantes de licenciatura em Educação Física. Monografia de conclusão de curso. IEFD-UERJ, Rio de Janeiro-RJ, 1995.
- GROPPO, L. A. O rock e a formação do mercado de consumo cultural juvenil : a participação da musica pop-rock na transformação da juventude em mercado consumidor de produtos culturais, destacando o caso do Brasil e os anos 80. Dissertação de mestrado. IFCH/Unicamp, 1996.
- GRISSET, M. e KRAVETEZ, A. Sindicalismo e movimento revolucionário nos movimentos estudantis. IN BRITO, S. (org): Sociologia da juventude. Volume IV, p. 87-108. Rio de Janeiro-RJ, 1968, Zahar Editores.

- GHISOLFI, J. Monografia de conclusão de curso. IFCH/Unicamp. 1999.
- IANNI, O.: O jovem radical. IN BRITO, S. (org): Sociologia da juventude. Volume I, p. 225-242. Rio de Janeiro-RJ, 1968, Zahar Editores.
- LASSANCE, A. A criação da juventude. Revista juventude.br. p. 24-26.
- MANNHEIM, K. O problema da juventude na sociedade moderna. IN BRITO, S. (org): Sociologia da juventude. Volumes I, p. 69-94. Rio de Janeiro-RJ, 1968, Zahar Editores.
- MISCHE, A. De estudantes a cidadão. Revista Brasileira de Educação. No 5 e 6, 1997.
- MELO, V. A: Escola Nacional de Educação física e desportos: uma possível história. Dissertação de mestrado. FEF/Unicamp. Campinas-SP, 1996.
- O Rappa, A minha alma, Rio de Janeiro, WEA, Brasil, 1999, 1CD.
- Cássia Eller, Queremos saber, Rio de Janeiro, WEA, Brasil, 2001, 1 CD.
- PASOLINE, P. P. Os jovens infelizes: antologia de ensaios corsários. Editora Brasileira, São Paulo-SP, 1990.
- PELLICCIOTTA, M. M. B. Anos 70: uma aventura política. Dissertação de mestrado. IFCH/Unicamp, Campinas-SP, 1997.
- POERNER, A. J: O poder jovem: história da participação política dos estudantes brasileiros. Rio de Janeiro-RJ, Civilização Brasileira, 1979.
- RODRIGUES, V. M. de S.: Carapintadas: Estudantes na Festa e na Política. Dissertação de mestrado, IFCH/Unicamp, Campinas-SP, 1997.
- SANFELICE, J.L: Movimento estudantil: a UNE na resistência ao golpe de 64. São Paulo-SP, Córtes, 1986.
- SANTOS, T. dos: Reflexos da Incorporação da Teoria da Ciência da Motricidade Humana Pela Faculdade de Educação Física da Unicamp. Monografia de conclusão de curso. FEF/Unicamp. Campinas-SP, 2001.
- SCHAFF, A: História e Verdade. São Paulo-SP, Editora Martins Fontes, 1978.
- SPOSITO, M. P., FREITAS, M. V., ABRAMO, H. W. (orgs). Juventude e debate.

Cortez editora, São Paulo-SP, 1998.

TAFFAREL, C. N. Z. O processo de trabalho pedagógico e trato com o conhecimento no curso de Educação Física. 250 páginas, Tese de doutorado, FE/Unicamp. Campinas-SP, 1993.

VALE, M. R. do 1968: O diálogo é a violência. Campinas, Editora Autores associados, Campinas-SP, 1998.

DOCUMENTOS CONSULTADOS:

Atas de assembléias e reuniões do CAEF, redigidas no período compreendido entre 86 e 2000. Todas esses documentos encontram-se no arquivo do CAEF, guardados em sua sede, localizada na FEF/Unicamp, em frente à cantina da FEF, adjunto ao vestiário feminino.

Ofícios redigidos e recebidos no mesmo período.

Cartas recebidas no período.

JORNAIS:

Jornal "Sem nome".

Jornal "Planeta FEFalho".

Jornal maniFESTAÇÃO DUKA-F.

Jornal Manifestação do CAEF.

Jornal Manifestação CAEF. Volumes 1 (novembro de 1998), 2 (fevereiro de 1999), 3 (maio, junho, julho de 1999), 4 (agosto de 1999), 5 (novembro de 1999), 6 (março de 2000).

Corpo decente- números 1 a 20.

OUTROS DOCUMENTOS:

Cartilhas do bixo- 1995, 1998, 1999, 2000, 2002.

Programas eleitorais CAEF 96/97- Chapa "CAEF para todos" e chapa "Dessa vez vai".

DEPOIMENTOS ORAIS:

Eliana Ayoub (Nana) - membro do CAEF 86/87, 87/88.

Aylton Quirino da Silva (Maguila) - membro do CAEF 87/88, 88/89, 89/90.

Ângelo (Chinês) - membro do CAEF 87/88, 89/90.

José Luis de Paiva (Luli) - membro do CAEF 91/92, 92/93, 93/94.

Ana de Pellegrin - membro do CAEF 93/94.

Luís Carlos Duarte Salgado (Magrão)- ombudsmam do manifiFESTAÇÃO DUKA-F 92/93.

Fabiano Mastroldi - membro do CAEF 94/95.

Luciana Pedrosa Marcassa - membro do CAEF 95/96.

Diná Teresa Ramos de Oliveira - membro do CAEF 94/95, 95/96, 96/97.

Éden Silva Pereti - membro do CAEF 96/97, 97/98, 98/99.

Natalie Simone Graue - membro do CAEF 98/99.

Tatiana dos Santos - membro do CAEF 98/99, 99/00.

Eduardo Fantato - membro do CAEF 00/01.

DEPOIMENTOS ESCRITOS (POR E-MAIL):

Laércio Claro Pereira Franco - membro do CAEF 86/87, 87/88.

Ana Harumi - membro do CAEF 88/89.

Yara Maria de Carvalho - membro do CAEF 88/89.

José Erb Urbana Júnior - membro do CAEF 86/87.

Anexos:

1) Questionário sócio econômico dos estudantes da FEF/ Unicamp:

Ano de entrada	Renda(acima de 500 reais por membro da família-5 m.p.f.) (%) (D/N)	2º grau em escola privada (%) (D/N)	fizeram cursinho (%) (D/N)
1986	55	50	65
1987	68	60	70
1988	68	60	70
1989	72	60	60
1990	49	66	52
1991	41	65	62
1992	55/ 50	70/ 75	80/ 50
1993	22/ 30	60/ 30	66/ 75
1994	49/ 23	81/ 46	93/ 73
1995	50/ 46	60/ 35	60/ 66
1996	80/ 62	70/ 52	60/ 66
1997	75/ 52	75/ 49	60/ 66
1998	55	70/55	65/ 65
2000	54	55	60/ 65
2001	69	60	61/70
2002	52	66	64/64

2) Questões da entrevista semi-estruturada:

- Origem social.
- Você possuía alguma experiência anterior com o movimento estudantil?
- Como era o ME da FEF e da Unicamp quando você ingressou na faculdade?
- Quais eram os objetivos da gestão do CAEF que você participou?
- Que tipo de iniciativas vocês desenvolveram para atingir os objetivos?

- Como era a relação com o ME da Educação Física e da Unicamp?
- E com os demais estudantes da FEF, coordenação e direção da faculdade?
- Quais as contribuições que essa participação trouxeram a você?

"F.E.F./UNICAMP: OS MELHORES DOCENTES E OS PIORES DISCENTES"

Esta carta aberta tem a intenção de trazer à tona alguns acontecimentos ocorridos durante o XVII Encontro Nacional de Estudantes de Educação Física (ENEFF), realizado no período de 30/08 à 06/09/96, em Cuiabá - M.T.

Primeiramente, gostaríamos de tecer alguns breves comentários, acerca do que é realmente este Encontro Nacional, principalmente para melhor informar os alunos do primeiro ano. O ENEFF é a instância máxima de deliberação (tomada de decisões) do movimento estudantil de Educação Física. O Encontro realiza-se após um processo de decisões, que são os *Conselhos Nacionais de Entidades de Educação Física (CONEEF)* - ao todo, são realizados três CONEEF antes do Encontro, e é a partir destes Conselhos que surgem os temas dos ENEFF, bem como a indicação de nomes de palestrantes (que, geralmente, são professores ligados ao tema em discussão).

Após este breve comentário, que teve como intenção situar os estudantes (principalmente a turma de 96), nos sentimos em condições para discorrer sobre alguns acontecimentos que se passaram neste recém ocorrido ENEFF de Cuiabá. Nós, juntamente com outros estudantes desta instituição seguimos, dia 29/09, para Cuiabá, com a intenção de participar de mais um ENEFF. Fomos para este Encontro de ônibus, pago com o dinheiro do nosso Centro Acadêmico (o qual tem como fonte de renda os aluguéis da cantina e do xerox e ainda, lucros provenientes da realização de festas).

A participação da delegação da UNICAMP foi reduzidíssima, e os coordenadores de nosso Centro Acadêmico (que, teoricamente, deveriam estar comprometidos com as causas do Encontro - causas estas que traduzem-se em participações nos debates ocorridos ao longo do ENEFF), não compareceram a

uma única instância de representação, ou seja, a UNICAMP estava no Encontro e não deu as caras! Por quê? O motivo está no fato de que a maioria destas pessoas, que compunham a delegação da F.E.F./UNICAMP, escolheu gastar todo o tempo do Encontro, tomando cervejas e visitando a Chapada dos Guimarães, ou ainda, "se refrescando" nas piscinas da faculdade de Educação Física da U.F.M.T.

O ônibus partiu rumo à Cuiabá, com um propósito, que era nos levar ao ENEEF, para que pudéssemos nos inserir no debate e, posteriormente ao Encontro, transmitir aos demais alunos da F.E.F. - que ficaram aqui em Campinas - as decisões lá tomadas e as discussões que estiveram em pauta. Mas o verdadeiro ocorrido, foi o total descompromisso com a participação. **O.K. AMIGOS, SE QUEREM IR PASSEAR NA CHAPADA, TUDO BEM! MAS NÃO COM O NOSSO DINHEIRO COLETIVO; PAGUEM DOS SEUS PRÓPRIOS BOLSOS! POIS DE IMORALIDADE E CANALHICE O BRASIL JÁ ESTÁ CHEIO, E NÓS NÃO COMPACTUAMOS COM ESTA CAUSA!**

O título desta carta, refere-se aos comentários de alguns colegas de outras instituições, que, muitas vezes, nos indagavam sobre o paradeiro e a participação do restante de nossa delegação (inclusive dos membros do Centro Acadêmico).

Estes colegas não conseguiam entender como nós, alunos da UNICAMP, possuidores de alguns dos melhores docentes do País (docentes tidos como referência nacional), não estávamos sedentos pelo debate; não tínhamos levados sequer uma questão para ser discutida! **NÃO, NÃO E NÃO, AMIGOS, A COLETIVIDADE NÃO SE CONFIGUROU; FOMOS INCAPAZES DE SAIR DE NOSSO IMOBILISMO DIÁRIO E, O RESULTADO DISTO, FOI A NÃO PRODUÇÃO DE UM DEBATE COLETIVO QUE PRECEDESSE E JUSTIFICASSE NOSSA IDA AO ENEEF.**

As pessoas que estão atualmente no Centro Acadêmico, não conseguiram estruturar um fórum coletivo de tomada de decisões. Não conseguiram não; melhor dizendo, não quiseram criar esta estruturação, uma vez que tais pessoas

possuem o compromisso e a obrigação de representar todos nós, alunos da F.E.F./UNICAMP. Este Centro Acadêmico só está aí vigorando, por nosso total imobilismo e incompetência. Incompetência esta que, também numa escala macro-social, determina a fome, a miséria e a barbárie instaladas em nossa sociedade. E nós, amigos, preocupados com "a cervejinha nossa de cada dia..."- isto só vem provar o quanto somos covardes! Não somos capazes de abrir mão de nossas necessidades - criadas por uma sociedade de consumo - para, através do esforço coletivo, tomar decisões.

Para finalizar, pedimos aos que, assim como nós, estão se sentindo agredidos e indignados perante os fatos acima descritos, que nos procurem. Precisamos da ajuda de todos para, assim, conseguirmos mudar coletivamente toda esta situação. Temos uma chance: vamos começar do zero e resgatar o AINDA tão respeitado nome da F.E.F./UNICAMP!

Carioca (93), Fernanda (93), Belém (95), Diná (94), Eliana (95)

OBS.: O tema que esteve em discussão neste XVII ENEEF foi a legalidade/legitimidade da Educação Física.

Campinas, 18 de setembro de 1996

MELHORES E PIORES, A VERDADE DEVE SER DITA

É com profunda indignação que nós, membros *do que restou* do CAEF, recebemos a carta escrita pôr alguns alunos da FEF.

É muita falta de vergonha na cara das pessoas que são do próprio Centro Acadêmico, ou que já foram, mas abandonaram oficialmente o barco, escreverem tal relato falando de *covardia, compromisso, ética*.

Não queríamos citar nomes, mas a situação nos obriga.

Nossa colega Eliana, embora ela possa ter esquecido, é a atual secretária do CAEF. Apesar disso, só apareceu em *uma* reunião para pedir dinheiro emprestado. O pedido lhe foi negado e ela sumiu, reaparecendo no ENEEF.

Outra colega, Diná, que junto comigo era Coordenadora Geral do Centro Acadêmico, largou o CAEF no dia da cerveja de boas vindas aos bichos. O motivo de seu abandono nunca foi realmente esclarecido.

É triste relatar isso, mas o CAEF foi esquecido pôr quase todos seus integrantes, cabendo a mim, a Érika, a Luciana e ao Jorge tocar o barco para que ele não afundasse de vez.

Infelizmente algumas de nossas propostas não puderam ser concluídas. Isso se deve ao abandono. O pouco que conseguimos, e entre essas conquistas, pagar o ônibus do ENEEF, aconteceu devido ao meu esforço e do Jorge, e a boa vontade da Érika que nos emprestou R\$ 400,00.

O custo total do ônibus foi de R\$4000,00 pagos a vista, mas o CAEF só tinha em caixa R\$3600,00, pois nosso aluguel da cantina estava atrasado devido a problemas particulares do Elcio. Em vista disso, fizemos um empréstimo com a Érika que deveria ser pago logo na chegada em Campinas com o dinheiro que seria arrecadado com o pagamento da carona que demos para 6 alunos da USP. É importante salientar que o pagamento já havia sido combinado.

Combinado porém não cumprido. Na volta, muitos de nossos colegas, alguns membros do Centro Acadêmico, não sabendo da situação financeira do CAEF por pura falta de informação, votaram contra o pagamento da carona, deixando o CAEF no zero. Hoje nossas contas já foram acertadas, o Elcio já quitou sua dívida e temos algum dinheiro em caixa.

Aos alunos da turma 96 e aos demais alunos da Faculdade queremos dizer que apoiamos toda e qualquer manifestação, mas é nosso dever informar que ser membro do CAEF não é tão fácil e tão legal quanto parece. Se algum dia alguns de vocês assumirem essa responsabilidade, não larguem ou desapareçam. Interesses de outras pessoas estão em jogo. Quando entrei no CAEF em 95 era secretária e no final da gestão só sobrou eu e a Diná para segurar as pontas. Na gestão de 96 não havia ninguém para a Coordenadoria Geral do diurno. Muitas pessoas me pediram para assumir o cargo, e como deveriam haver três Coordenadorias, aceitei. Mesmo assim sobrou um cargo, problema que se agravou ainda mais com a saída da Diná. Mais uma vez eu pergunto. ***Onde está a ética, a responsabilidade, o compromisso?***

Só mais uma palavrinha sobre o ENEEF.

Tudo que o CAEF gasta tem que passar por votação. O único problema é que não há membros suficientes para as reuniões. Como a ida ao ENEEF era nossa maior meta, e nisso eu e o Jorge trabalhamos para acontecer, fizemos tudo sem passar por reuniões prévias.

Quanto ao comparecimento ou não dos membros do CAEF nas plenárias, essa não é uma obrigação só nossa, mas de ***todos os estudantes que quisessem e tivessem argumentos e preparo para tal***. O ENEEF é um ***ENCONTRO NACIONAL DOS ESTUDANTES DE EDUCAÇÃO FÍSICA***, e não ***ENCONTRO NACIONAL DOS CENTROS ACADÊMICOS***. A culpa de só 25 pessoas terem ido viajar não é nossa, o ônibus tinha 48 lugares!

Não estamos contra ou a favor de qualquer chapa futura do CAEF e seus integrantes, portanto não haverá mais manifestações desse tipo. Essa carta só foi escrita para esclarecer alguns fatos.

Para finalizar, faço um pequeno comentário sobre o título da matéria de nossos colegas-MELHORES DOCENTES, PIORES... É muita hipocrisia e ***burrice julgar um aluno por sua participação ou não num movimento estudantil***. Entre os melhores e os piores, sei muito bem onde me encaixo.

Outra coisa, feliz daquele que pode tomar uma cervejinha na beira de uma cachoeira. Teve muita gente que gostaria de ter feito a mesma coisa e não fez para fazer uma moralzinha. ***SÓ QUE A MORALZINHA NÃO COLOU.***

PAULA-93
Coordenadora Geral
CAEF

NOTÍCIAS DOS BASTIDORES

1º ANO - 05 x 01 - Miriam

Dá-lhe 1º ANO, vocês conseguiram um recorde!!!!

Conseguiram fazer em uma aula, o que as turmas de 90, 91 e 92 não fizeram em um semestre.

TIRARAM A MIRIAM.

Não adiantou as tentativas de defesas, as acusações absurdas de que os alunos abaixaram o nível, foi de goleada na Com. de Ensino.

A mesa está aí para a gente virar.

Aula de baixo nível e professores sem o "mínimo de condições" para ministrar aula, é só organizar e derrubar.

Quem fica quieto, engole tudo.

Quem abre a boca, faz seu curso!



"Bota a mão na consciência!!!"

Quem paga a universidade é o povo, então quem "parasita" a universidade é um "PCzinho" universitário, não é!

Aqui é lugar para produzir, repassar para a sociedade os seus investimentos, cadê a tal da ETICA.

Isso vale para todos nós, alunos, funcionários e principalmente alguns determinados e bem conhecidos professores.

Se você, por fatores históricos, parou no tempo, "pegue seu banquinho e saia de mansinho". E mais horrada uma saída estratégica, do que ficar escondendo sua incompetência pelas EF's da vida. *Professor tem que mostrar a cara, a pesquisa, os conhecimentos.*

E mais.....

Tom professor que já pode se aposentar e continua mamando nas tetas da FEF. "Finge que é telefone para voce e se aposenta".

Detalhe, só se pode contratar novos professores se abrirem espaços, pois nos (FEF) temos uma cota máxima, que já está saturada. Por isso...

Bota a mão na CONSCIÊNCIA!!

APOSENTADORIA JÁ!!

EXONERACAO JÁ!!

CALENDÁRIO DA FEF

14 e 15/09 - Eleições do CAEF - veja material neste HC.

17, 18 e 19/09 - CoREEF e INTEREF - tem que estar todo mundo aqui.

05/10 - II OKTOBERFEF - vai estar todo mundo aqui, não precisa nem convidar.

19 a 24/10 - V ENAREL - procurar Luciano (Zani), vai ter um Bertoga.

Novembro - Eleições da AAAAFB - vamos formar a próxima chapa da FEF.

Abril/94 - Eleições para Reitor - ficam abertas, se informem.

Maio/94 - Eleições para Diretor da FEF - saiba quem vai.

Espaço Livre (CONTINUAÇÃO)



CPI do PW

Vai ser instaurada, em uma das faculdades da UNICAMP, uma CPI para verificar a validade do diploma do professor, mestre ou doutor P.W. (Peter Whitewestinghouse), o qual é acusado por grande parte dos alunos de tráfico de má influência, desmotivação generalizada, formação de quadrilha, extravio de verbas do Centro Acadêmico e é acusado também de "dar" aulas fantasmas.

É sabido que PW era auxiliado em suas falcatruas pelas secretárias Ana Enori Acioli e Roselyneti Melaula. Essas secre-

tárias, a mando de PW, encobriam aulas fantasmas, que eram ministradas por professores quase fantasmas, são eles: Zíngimo Cabeleira, Eduardo Mózca, José Luis de Paiva Netto e os irmãos Paulo Rem de Bol e Marcelo Yo Lley Bol. Como se não bastasse, essa verdadeira "gang" tinha dentro de seu grupo o principal dirigente daquela faculdade, Fernando Ger Barra de Mello, que também é acusado de ministrar aulas fantasmas e auxiliar PW em suas manobras irregulares.

Fernando Ger Barra de Mello tinha como braço direito e principal comparsa, seu secretário particular Cláudio Bráulio Vieira, que sem escrúpulo nenhum e com a maior cara de pau deu declarações que não mantêm nenhum tipo de relações com Fernando Ger Barra de Mello e ainda teve a coragem de dizer que não conheceu e não ouviu falar de Peter Whitewestinghouse, estas declarações provocaram riso em toda a comissa que investiga o caso.

Seimer Deus
NOTA DO "MC" - QUALQUER SEMELHANÇA COM FATOS OU NOMES ACIMA É PURA E SÓA FICHA COMISSÃO DE VERDADE. JORNALISMO MENTIROSO. HUMORISMO VERDADEIRO.

Esperem que a saga de PW continua no próximo "MC"

Atenção - Calotes

O Centro Acadêmico é um órgão criado com a finalidade de apoiar, instigar, politizar e ajudar a vida do aluno dentro da Universidade. Entretanto muita gente o confunde como órgão que só financia festas e outras atividades.

No intuito de deixar as coisas bem claras, queremos esclarecer que o CAEF não tem tanto dinheiro assim, e que esse dinheiro é usado em benefícios para o próprio aluno. Afinal o CAEF também é um órgão que financia festas e outras atividades.

Por isso temos a necessidade de publicar uma lista de caloteiros que estão em dívida com o CAEF.

Paga logo, cara de pau!

Fontão(2), Jankiel(2), Did(2), Dudu (3), Magrão(3), Iara(3), Marcinha (4), Jupara(4), Mônica(1), Sandra(1), Fernanda e Andréa.

Para pagarem esta dívida, procurem CARLOS (3º ano), que fará os reajustes necessários.



Biblioteca

Em uma matéria do último jornal havia a notícia que dizia que a comissão de biblioteca iria soltar algumas bombas. Já vem a primeira granada!

A partir deste semestre os atrasos passarão a ser punidos com multas de 02 Ufirs por dia.

Por isso regularizam sua situação com a biblioteca o mais rápido possível, para não ter que ficar com as calças na mão.

Esse recado tem como público alvo os alunos que utilizam a biblioteca, mas vale também para os professores. Qualquer dívida procure seu representante na Comissão de

MANIFESTAÇÃO DO CAEF

ÚLTIMO DA GESTÃO ANIMAÇÃO

EDIÇÃO EXTRA

O CAEF-UNICAMP vem aqui esclarecer algumas controvérsias geradas por ventura da última publicação deste jornal, mais precisamente no artigo intitulado "CPI do PW", colocado na seção "Espaço Livre - (poesias, contos, o seu espaço)".

Este artigo, escrito por um aluno desta FEF-UNICAMP, se trata de um conto fictício, não havendo nele, como foi colocado em uma nota em seu final, nenhum fundo jornalístico verdadeiro.

Não houve a intenção de levantar investigações, atingir ou mesmo causar constrangimentos a qualquer pessoa desta faculdade.

Pelo fato de que este Centro Acadêmico foi notificado pelo advogado Gentil Borges Neto, o qual tem como cliente o Prof. Dr. Pedro José Winterstein, vimos aqui nos retratar a este professor, pois como consta na notificação, este se sentiu atingido pela matéria, que como já foi aqui dito, não passa de um conto fictício, conto este que não teve a intenção de atingir ou levantar quaisquer dúvida sobre a carreira deste professor.

Esperamos com esta, acabar com todo e qualquer mal-estar que esta matéria possa ter causado.

CAEF - UNICAMP

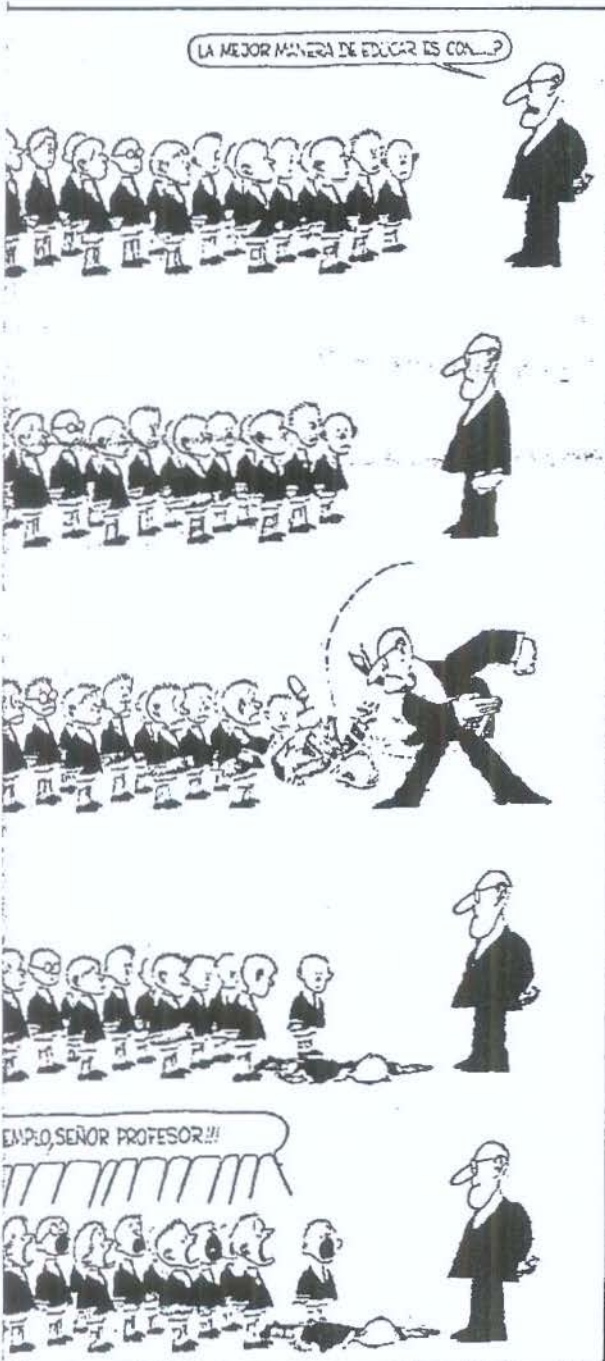
EXPEDIENTE
200 COPIAS
GRAFICA - DCE-PUCAMP
EDITORAÇÃO - CAEF
INFORMATIVO OFICIAL

MANIFESTAÇÃO

embro/1992

do Caef

distribuição gratuita



Editorial

Sexta-feira, dia 21 último, eu estava dando um passo muito importante na minha vida de estudante. Estava vencendo a 1ª etapa do meu Projeto de Iniciação Científica. Trouxe para a faculdade o José Iniguez, para que pudéssemos aprender o máximo de seu conhecimento na nossa área de estudo.

A etapa foi cumprida com o trabalho de toda uma equipe que batalhou junto (agradeço muito mesmo!). Desta forma, pude colher os depoimentos, que vão estar disponíveis na nossa breve-videoteca; pude trazê-lo para conhecer a nossa faculdade, a nossa biblioteca, a Biblioteca Central e o Centro de Memória. Demos um grande passo no sentido de conquistar o seu valor, seu carisma e até quem sabe chegar à nossa meta final, que é o seu acervo bibliográfico.

Mas dessa experiência, eu carreguei uma grande vergonha, que foi trazê-lo para uma sala vazia no "bate-papo" com os alunos.

Eu me despeço desse jornal com a impressão de que tudo que foi dito aqui foi em vão, de que não me fiz entender por nenhum momento.

Foi uma pena! (mesmo que tenha sido um grande trabalho).

Angela Harumi

28ª Reunião Ordinária do CONSU 28/07/92

Pág.70 - art.36 - A Faculdade de Educação Física se reserva o direito de, a seu critério, solicitar a guia de transferência ou solicitar a não renovação de matrícula, em relação ao aluno cuja a permanência seja considerada inconveniente.

Esta proposta foi aprovada em uma reunião da Congregação de nossa Faculdade no dia 18 de dezembro de 1991 e quase foi aprovada na reunião do CONSU acima citada.

CPI - Caça de pessoas inconvenientes

Cuidado, você pode estar correndo perigo!

Se você foi considerado uma pessoa inconveniente, seu futuro dentro da UNICAMP pode estar com os dias contados. A Caça de Pessoas Inconvenientes com solta, pode ser um reflexo da onda dos Anos Rebeldes, pois ela, como o seriado, é uma cópia mal feita do período de repressão, censura e autoritarismo que o país atravessou.

Mas calma, não é dessa vez, seu inconveniente, que vão te por para fora da Faculdade. Você ainda pode reclamar da qualidade do curso e/ou professores, pode exigir melhor qualidade de ensino e de vida, pode tomar sua cervejinha, participar de sua vida acadêmica ao máximo, ou seja, pode ter liberdade de ação e ser, no modo de entender de certas pessoas, um inconveniente.

É por tudo isso que devemos ser mesmo inconvenientes, não sermos convenientes com estes absurdos, que, por incrível que pareça, ocorrem na FEF-UNICAMP, faculdade conceituada por sua linha progressista de curso e de professores. Apoie, se interessa, participe no e junto com o CAEF para podermos enfrentar essas situações.

Lull - 3º Ano - Vice-Presidente CAEF